

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE**

**MINHAS MEMÓRIAS: UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA
O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS ORAIS NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

CRISTIANE DA CONCEIÇÃO SANTANA BORGES

**São Cristóvão
2024**

CRISTIANE DA CONCEIÇÃO SANTANA BORGES

**MINHAS MEMÓRIAS: UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA
O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS ORAIS NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede – PROFLETRAS, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe.

Área de Concentração Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Gonzaga Nunes.

São Cristóvão

2024

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos Orixás, por me concederem forças para seguir minha jornada.

À coordenação geral do Mestrado Profissional em Letras e, naturalmente, à CAPES, pela realização do PROFLETRAS, demonstrando a relevância desse programa na formação de docentes.

Agradeço imensamente aos professores por aceitarem o convite para compor a banca examinadora e pelas valiosas contribuições durante a qualificação.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vanessa Gonzaga Nunes, pela paciência e apoio ao longo de todo o processo. Sua orientação foi essencial para a concretização deste trabalho.

Ao meu amigo e padrinho José Batista, que desde o dia em que entrei no Estadual enxergou minha capacidade e potencial.

Aos meus amigos Anderson e Fransuel, por estarem ao meu lado desde a seleção do PROFLETRAS até o final da primeira etapa, e por me amarem exatamente como sou.

Aos meus compadres Fernanda e Ivan, por me apoiarem em parte do processo.

Às minhas ex-diretoras e amigas Carla e Maria José, por possibilitarem e incentivarem minha entrada no mestrado.

Ao meu querido amigo Hércules, que presenciou todas as minhas ansiedades durante esse processo.

Às minhas amigas Eliane e Laryssa, que cuidaram de mim e vibraram comigo durante todo o processo seletivo.

Ao meu coordenador Vinicius Matos, por estar comigo durante todo o processo do meu mestrado.

Ao meu estimado amigo Alan Matos, por suportar meus momentos de crise e por me auxiliar na correção do texto durante todas as etapas.

Ao meu filho, Miguel Ângelo, que esteve ao meu lado desde o dia do resultado e presenciou todos os meus momentos difíceis. Miguel Ângelo, você é meu único e verdadeiro amor, meu amigo e parceiro de todas as horas.

RESUMO

A oralidade está presente no nosso dia a dia e é fundamental para as relações humanas em sociedade. É um importante exercício de comunicação e reflexão sobre o mundo. A presente pesquisa teve como finalidade desenvolver e alargar habilidades orais de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II, de uma escola pública da rede municipal da cidade de Antas, situada no estado da Bahia, através do gênero memórias. Um teste diagnóstico nos fez perceber as dificuldades dos alunos em falar em público, em uma situação formal. Decidiu-se, então, por desenvolver uma Sequência de Atividades Pedagógicas (SAP), partindo de leituras, produções e apresentações orais relacionadas ao gênero memórias para que pudessemos observar os seguintes parâmetros: velocidade de fala, volume (intensidade), movimento de mãos e de pernas, posição de tronco e formalidade/informalidade no uso da língua. A escolha do gênero memórias visava que o discente se sentisse mais à vontade para falar sobre suas vivências e que o instigasse a participar das atividades. Trabalhar com memórias, assim como traz a BNCC, ajuda a fortalecer a identidade dos alunos, promovendo uma reflexão sobre suas histórias de vida e desenvolvendo suas habilidades narrativas. A SAP contou com cinco etapas, sendo elas: 1. Aula expositiva sobre o conceito, a importância e os parâmetros da oralidade; 2. Estudo do gênero memórias, leituras para exemplificar o mesmo e aplicação de atividade; 3. Recolhimento das atividades e prática prévia das falas dos alunos com o gênero memórias; 4. Desenvolvimento e trabalho com o gênero memórias dos alunos em apresentações individuais. Nossas análises dos dados coletados a partir da SAP têm como embasamento teórico autores como Bakhtin (2003), Marcuschi (2008) e documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A culminância se deu por uma apresentação intitulada "Minhas Memórias", que também serviu de teste de saída. A partir desse evento, podemos inferir que os alunos se dedicaram às atividades e alguns demonstraram maior consciência sobre as modulações que precisam ser feitas no ato de uma apresentação oral em público. Contudo, certamente por causa do curto período de execução, muitos ainda precisam estar expostos a situações de protagonismo discursivo para que haja uma melhora considerável no que se refere aos aspectos da oralidade.

Palavras-chave: Oralidade; gênero memórias; sequência de atividades pedagógicas.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro das habilidades para a prática da oralidade.....	18
Quadro 2 – Gênero literário e não-literário.....	21
Quadro 3 – Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb.....	30
Quadro 4 – Cronograma de Desenvolvimento da SAP.....	40
Quadro 5 – Ficha de avaliação da oralidade na escuta prévia dos alunos no 3º encontro.....	44
Quadro 6 – Resultados da Sequência de Atividades Pedagógicas (SAP).....	44

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Competências gerais da educação básica.....	17
FIGURA 2 – Sequenciamento de aprendizagem na BNCC.....	17
FIGURA 3 – Evolução do Ideb.....	28
FIGURA 4 – Evolução das notas do Saeb.....	29
FIGURA 5 – Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem - Marisa Balthasar e Shirley Goulart.....	33
FIGURA 6 – Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem – página 8: Sumário.....	34
FIGURA 7 – Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem – página 9: Sumário.....	35
FIGURA 8 – Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem – página 10: Sumário.....	36
FIGURA 9 – Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem – página 11: Sumário.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Saeb – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SAP – Sequência de Atividades Pedagógicas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O CONCEITO DE ORALIDADE E SEUS PARÂMETROS PROSÓDICO.....	11
2.1 Parâmetros prosódicos da oralidade.....	13
2.1.1 Entonação.....	14
2.1.2 Velocidade.....	15
2.1.3 Volume.....	15
2.1.4 Pausas.....	15
2.2 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino da oralidade.....	16
2.3 Explorando o Gênero Memórias para Desenvolver a Oralidade em Sala de Aula.....	21
2.4 Os gêneros orais.....	23
2.4.1 Os gêneros orais formais.....	24
2.5 Técnicas para desenvolver práticas de oralidade.....	25
3. METODOLOGIA.....	27
3.1 Local e Perfil dos Participantes.....	27
3.2 Sistemas de avaliações de escrita e oralidade.....	28
3.3 Análise do livro didático utilizado na escola em questão.....	32
3.4 Teste Diagnóstico.....	38
3.5 Impressões sobre a etapa “Teste Diagnóstico”.....	39
4. PRODUTO	40
4.1 Sequência de Atividades Pedagógicas.....	40
4.2 Minhas Memórias.....	41
5. CADERNO PEDAGÓGICO.....	41
5.1 Etapa 1 – Aula expositiva sobre oralidade.....	41
5.2 Etapa 2 – Conceito de memórias, o gênero memórias e as primeiras memórias.....	42
5.3 Etapa 3 – Recolhimento dos Textos, Organização das Apresentações e Prévia das apresentações com o gênero memórias.....	42
5.4 Etapa 4 – Minhas Memórias – Teste de Saída.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
APÊNDICE A.....	52

APÊNDICE B.....54
APÊNDICE C.....55
APÊNDICE D.....57
APÊNDICE E.....58
APÊNDICE F.....60
APÊNDICE G.....65

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema central a importância da oralidade no processo de ensino-aprendizagem. Desenvolvemos uma sequência de atividades pedagógicas que tem como eixo o gênero memórias e ele foi aplicado em sala de aula de discentes do nono ano do ensino fundamental II, em uma escola municipal localizada na cidade de Antas-BA. Decidimos por essa temática em vista do comportamento dos alunos e seus posicionamentos nas aulas de Língua Portuguesa, como por exemplo em trabalhos de apresentação oral, onde é possível notar a inabilidade com a oralidade voltada para situações formais. Desse modo, o recorte desse trabalho se dá em vista da dificuldade apresentada pelos alunos nos momentos de se posicionar oralmente, visando o aperfeiçoamento das habilidades orais dos mesmos.

Sabe-se que no Brasil os estudantes possuem certa fragilidade em diversas outras questões para além da oralidade, tais como leitura e escrita, por conta disso existe no Brasil uma avaliação que é coordenada e aplicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), que é o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Entretanto, avaliações do gênero não entrelaçam de maneira equânime oralidade, leitura e escrita e, portanto, a expressão oral está sempre em desvantagem de desenvolvimento em relação às demais modalidades comunicativas.

Diante disso e dos dados coletados através de um teste diagnóstico, aplicado para esta pesquisa, destaca-se a importância de desenvolver a oralidade dos alunos. Para auxiliar nesse processo, optou-se por trazer como ferramenta o gênero memórias. De acordo com Freire (1987), a narrativa de memórias é uma prática de liberdade, pois permite que os alunos expressem suas próprias histórias e compreendam sua posição no mundo. Compreende-se dessa forma que o uso do gênero memórias enquanto uma ferramenta pedagógica pode contribuir para o processo de aperfeiçoamento das habilidades orais dos alunos.

A Sequência de Atividades Pedagógicas (SAP) desenvolvida para este trabalho fez percursos de pesquisa sobre a oralidade, sobre o gênero memórias, sobre coleta de dados para verificação e descrição da prática da oralidade em sala de aula e sobre a aplicação de produto visando aperfeiçoar as habilidades referentes a aspectos orais dos alunos. O resultado da pesquisa é um texto que revela um trabalho

sistemático que aponta um problema, busca na literatura ferramentas para a compreendê-lo e propõe uma estratégia de intervenção.

A oralidade viabiliza as práticas sociais de vários níveis como formais e informais de acordo com a situação que o aluno esteja inserido, e estando ela contemplada nos eixos da BNCC para todas as fases de ensino fundamental II, pressupõe-se que esta seja um componente obrigatório.

O presente trabalho apresenta o seguinte caminho metodológico: na primeira etapa foi realizado um teste diagnóstico, que teve como objetivo analisar os aspectos da oralidade de alunos do nono ano do ensino fundamental II.

A partir das apresentações orais foi decidido analisar o livro didático que estava sendo utilizado na escola para essa turma, com o intuito de verificar se o material adotado contemplava atividades que fomentassem o desenvolvimento de atividades orais. Esta análise está descrita no capítulo 2, tópico 2.2.

Tendo em vista que o conteúdo presente no livro não era suficiente para o aprimoramento da oralidade e que tais lacunas diziam muito sobre as dificuldades que observamos em sala de aula, foi desenvolvida a sequência de atividades intitulada “Minhas Memórias”, que foi aplicada em uma turma de 26 alunos do nono ano. Esse trabalho teve como etapas o estudo da oralidade e seus aspectos, o estudo do gênero memórias, leituras de memórias que serviram de exemplos, ensaio e apresentação final, que foi o evento de culminância. Toda a SAP foi registrada no capítulo 4.

Esse trabalho apresenta como seu Objetivo Geral:

- Desenvolver a competência oral dos alunos dos anos finais, utilizando o gênero memórias como instrumento pedagógico na formulação de uma sequência de atividades pedagógicas, de modo aprimorar as habilidades de expressão e oralidade dos discentes.

Os objetivos específicos são:

- a) Conscientizar para a oralidade enquanto objeto de poder e habilidade capaz de ser aperfeiçoada;

- b) Observar os aspectos da oralidade durante as atividades propostas que serviram de teste diagnóstico e em seguida analisar as dificuldades dos alunos durante essas propostas;
- c) Usar de conhecimentos linguísticos e de estratégias de comunicação para empoderar os alunos, bem como, desenvolver, estimular e aprimorar neles a oralidade;
- d) Instrumentalizar o professor acerca de atividades que possibilitem trabalhar a oralidade através da oralidade.

Como perguntas de pesquisa e suas respectivas hipóteses, tem-se o seguinte:

P1 – Considerando que os/as alunos/as são “produtores/as” e “consumidores/as” das mais diversas formas de expressão oral, como por exemplo podcasts e vlogs, eles apresentam desenvoltura adequada quando são protagonistas de um momento como esse?

H1: A nossa experiência de docência nos permite inferir que os alunos sentem muita dificuldade nesses momentos, especialmente em apresentações individuais, onde fica evidente uma enorme fragilidade nos mais diversos aspectos da oralidade. Logo, acreditamos que os alunos do nono ano também apresentarão aspectos que podem ser avaliados como negativos e que fragilizam o ato locucionário.

P2 – Como a utilização do gênero memórias na Sequência de Atividades Pedagógicas poderia trazer contribuições positivas para o trabalho de desenvolvimento dos aspectos da oralidade?

H1 – É razoável supor que a incorporação do gênero memórias em uma sequência de atividades pedagógicas pode proporcionar benefícios significativos, uma vez que essa abordagem permite aos alunos explorar experiências pessoais, estimulando a expressão oral durante participação dos alunos nas atividades.

P3 – Quais poderiam ser as dificuldades encontradas na aplicação de uma sequência de atividades que se baseia no gênero memórias levando em consideração possíveis fragilidades voltadas a oralidade e seus aspectos?

H1 – A aplicação de uma sequência de atividades baseadas no gênero memórias pode apresentar dificuldades para os alunos no momento dos relatos, uma vez que nem todos se sentem à vontade de falar em público, mesmo sobre assuntos

que fazem parte de suas vivências. As problemáticas que a pesquisadora-professora poderá enfrentar incluem comportamentos como maior agitação devido à ansiedade ou timidez, o que pode dificultar que o aluno consiga realizar seu relato, entre outros desafios, prejudicando também a avaliação dos aspectos da oralidade apresentados pelo aluno.

P4 – Depois de uma SAP desenvolvida ao longo de cinco aulas, o que pode mudar (ou o que se espera de mudança) no comportamento dos alunos durante uma apresentação oral?

H1 – Através da aplicação da SAP, espera-se que os alunos consigam aperfeiçoar sua performance enquanto protagonistas do discurso. A SAP baseada no gênero memórias visa aumentar o interesse dos discentes no decorrer das atividades, além de diminuir a preocupação dos mesmos no momento das apresentações orais. A partir disso, almeja-se que os alunos possam melhor desenvolver os parâmetros da oralidade abordados nesse trabalho, tais como velocidade, volume e postura.

2. O CONCEITO DE ORALIDADE E SEUS PARÂMETROS PROSÓDICOS

Sabe-se que a oralidade é uma forma primordial de comunicação e desempenha um papel fundamental na transmissão de conhecimentos, histórias, culturas e tradições. Andrade e Aquino (2011) discutem a oralidade como uma prática social dinâmica que está intimamente ligada às identidades culturais e às formas de interação cotidiana. Por meio da fala, as pessoas estabelecem conexões, expressam emoções, trocam ideias, constroem relacionamentos e assumem posições de poder.

Góis (2008) explora a oralidade sob a perspectiva da psicologia social, destacando que a fala é um meio de construção de identidades e de mediação de relações interpessoais. Góis argumenta que “a oralidade é uma forma de ação social que permite aos indivíduos negociar significados e construir suas identidades em interação com os outros” (Góis, 2008, p. 101). Partindo dessa perspectiva, a escola seria um ambiente que propiciaria o aperfeiçoamento da oralidade, contudo, percebe-se que se comunicar, principalmente de maneira formal, é um desafio, pois, é possível notar isso no desconforto dos alunos durante suas performances em apresentações orais públicas quando precisam tomar a palavra.

Marcuschi (2008) diz que a oralidade pode ser entendida como o uso da língua falada nas interações cotidianas, envolvendo tanto aspectos linguísticos quanto

paralinguísticos e contextuais. Tendo isso em vista, a oralidade não deve ser considerada apenas como uma ferramenta pedagógica, mas como um meio de construir identidades durante o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Leal “a oralidade deve ser valorizada no ambiente escolar, não apenas como ferramenta de ensino, mas como uma competência essencial para a formação integral dos alunos” (Leal, 2004, p. 82). Ela sugere que as práticas pedagógicas que promovem a expressão oral ajudam os alunos a desenvolverem suas habilidades de pensamento crítico e a capacidade de articular suas ideias de maneira clara e concisa.

Percebe-se então que a prática da oralidade é um importante exercício de comunicação e reflexão sobre o mundo. É através da oralidade que podemos expressar nossas ideias, argumentos e concepções sobre um determinado assunto. De acordo com Bakhtin (1986), a comunicação verbal é inerentemente dialógica, significando que todo ato de fala está intrinsecamente legado a um contexto social e histórico, envolvendo interlocutores em um processo contínuo de interação. A oralidade e sua prática viabilizam a comunicação e aperfeiçoamento de conhecimentos, além de dar espaço para expor sentimentos, valores, ideologias e crenças, permitindo um processo de conhecimento da própria identidade.

Bronckart (1999) também explora a importância da oralidade na interação social, destacando que a linguagem falada é fundamental para a construção de sentido e coesão social. Ele afirma que “os atos de linguagem, especialmente os orais, são centrais para a construção das atividades humanas” (Bronckart, 1999). A oralidade permite a negociação e a construção conjunta de significados, facilitando a compreensão entre os indivíduos.

Com base nisso, o ambiente educacional precisa ter uma postura de heterogeneidade no que diz respeito à oralidade, com objetivo de explicar os diversos gêneros orais em diversas situações interacionais em que a oralidade está inserida. Na perspectiva de Schneuwly e Dolz (2004), a oralidade é uma competência essencial que deve ser desenvolvida no contexto educacional. A habilidade de se expressar oralmente de maneira eficaz é fundamental para o sucesso acadêmico. Schneuwly e Dolz ainda destacam que “o ensino da oralidade deve ser parte uma parte integral do currículo” (Schneuwly; Dolz, 2004). Esse enfoque pedagógico destaca a necessidade de práticas educativas que valorizem e desenvolvam as habilidades orais dos estudantes.

Nesse contexto, para atingir esses objetivos, uma análise da forma como os ensino e prática da oralidade se dá em sala de aula é fundamental. Angela Kleiman (2000) ressalta a importância da oralidade na educação, especialmente no contexto de alfabetização. Segundo ela “a oralidade, quando integrada ao processo educativo, pode potencializar o desenvolvimento cognitivo dos alunos” (Kleiman, 2000). Enfatiza-se assim a necessidade de compreender a oralidade como uma habilidade flexível e como as estratégias pedagógicas que incluam a fala são um componente central para o aprendizado e desenvolvimento das práticas orais pelos discentes.

2.1 Parâmetros prosódicos da oralidade

A partir do exposto sobre oralidade, é importante também conhecer alguns dos parâmetros que subjazem os atos de fala, como velocidade e volume, cujas naturezas plásticas permitem aos falantes certa modulação. Schneuwly e Dolz salientam que “conhecer e trabalhar com a oralidade permite que os alunos desenvolvam habilidades comunicativas essenciais para sua vida acadêmica e social” (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 22). Para além disso, tais conhecimentos permitem que os professores também possuam uma visão mais ampla do desempenho das práticas orais dos discentes, mesmo que se trabalhe com um parâmetro de maneira individual.

Dito isso, antes de adentrarmos aos parâmetros, precisamos descrever como se dá a produção da voz, que se materializa em elementos segmentais e suprasegmentais.

“Fonador” quer dizer aquele que produz voz” (SEARA et al, 2015. p.39). E a voz é fruto de um longo caminho traçado pelo ar que sai dos pulmões passando pelas regiões subglótica e supraglótica, o que compreende fazer vibrar ou não as pregas vocais e ser “moldado” nas cavidades oral e nasal. O processo é comum a todos os falantes, mas as anatomias são distintas e por isso cada indivíduo produz uma voz de características próprias. Para além das características naturais da fonação, muitos locutores cultivam no seu pronunciar características regionais e/ou marcas bastante identitárias, a exemplo do filósofo Mário Sérgio Cortella que prolonga as vogais tônicas como estratégia para manter a atenção dos ouvintes.

Logo, a maneira ou o modo como dizemos algo; a forma como articulamos e pronunciamos sentenças pode chamar a atenção ou pode distrair o interlocutor.

Sobre as formas de expressão, Freitas (2019) sugere que:

a dicção é a arte de recitar, o modo de dizer ou se pronunciar os sons. É a articulação das palavras através de timbres ou tons. Uma boa dicção é primordial, pois garante a maior compreensão dos ouvintes em relação ao texto e a mensagem a ser transmitida. O auditório permanece atento ao palestrante que apresenta um conteúdo fácil de ser decodificado e, por conseguinte, isso resulta na compreensão e maior crédito ao emissor. A dicção deve ser sempre trabalhada, mesmo sendo você um bom orador, pois a forma como pronunciamos as palavras influencia de forma como pronunciamos as palavras de forma positiva ou negativa no resultado do seu discurso. (FREITAS, 2019)

Quando a voz sai pela boca, apesar de impalpável, ela apresenta elementos bastante quantificáveis. Os sons podem ser identificados individualmente, pois são unidades mínimas, em uma análise segmental. Mas existe um outro plano que está para além das articulações e que diz respeito ao suprasegmento. Como sabemos se alguém está afirmando ou perguntando? Como conseguimos perceber uma ironia? Como percebemos que alguém é de uma região específica? Tais questões não estão marcadas necessariamente nos fonemas, mas estão no acento, no ritmo, na velocidade da fala, na nasalidade etc. Estamos falando de elementos prosódicos que podem ser propriedades físicas específicas fixas, como a frequência fundamental, ou modulares, como a duração articulatória, que está atrelada à velocidade de fala e ao ritmo.

2.1.1 Entoação

A palavra entoação (ou entonação), frequentemente tomada como sinônimo de (ou confundida com) prosódia “revela os contrastes entre modalidades e nos permite reconhecer ou fazer inferências a respeito das dialetologias que nos cercam (NUNES, 2011, p.45). Podemos dizer que são as variações que ocorrem no nível do suprasegmento, mais especificamente no nível da frequência fundamental (f_0). Temos uma sucessão de variações de f_0 que estabelecem uma curva melódica, que será interpretada no nível da percepção.

A entoação tem funções comunicativas diversas. Através dela podemos inferir se alguém está afirmando ou perguntando, se a pessoa está triste ou alegre, se a pessoa está com pressa ou brava, se a informação já foi dada ou se é nova para o interlocutor. De acordo com Nunes (2011), alguns autores como Moraes (1982) ou Cantero (2002) defendem que a entoação é um fenômeno linguístico que tem como

parâmetros a frequência fundamental (ciclo de vibrações das pregas vocais por segundo e correlato físico relacionado à melodia), o pitch (tom ou correlato auditivo da curva de f_0), a duração (extensão de um som em um certo tempo), intensidade (variações de pressão subglótica que diz respeito a amplitude sonora, ou seja ao “volume” do som), ritmo (harmonia resultante da intensidade, da frequência e da duração), e o loudness (correlato auditivo da intensidade).

2.1.2 Velocidade

A velocidade de fala é um parâmetro ligado à taxa de elocução, ou seja, a produção articulatória de sílabas por segundo. Muitas vezes, temos a percepção de que as pessoas falam muito rápido ou o contrário. Velocidade, neste trabalho é um termo que nos interessa, porque é um parâmetro que pode ser observado e avaliado em benefício do discurso na busca da melhor compreensão do conteúdo pelos ouvintes. Assim, deve haver uma preocupação por parte do falante em perceber a sua velocidade de fala como um elemento importante para a comunicação formal.

2.1.3 Volume

Quando alguém fala alto, mandamos abaixar o volume. Quando um aluno apresenta um trabalho e temos de nos esforçar para entender o que ele está dizendo, dizemos para ele aumentar o volume. O volume está atrelado ao nível de audibilidade do som, a uma sensação percebida pelo ouvinte. Na fonética, o parâmetro prosódico correlato ao que chamamos, no senso comum como volume, é a intensidade – medida em decibéis – que é o resultado das variações subglóticas. “Quanto maior for a amplitude de vibração das partículas de ar, maior é a quantidade de energia transportada por essas partículas e maior é a sensação auditiva de intensidade do som (MIRA MATEUS, 2005 *apud* NUNES, 2015, p. 88).

2.1.4 As pausas

As pausas são elementos prosódico importantes. Em um debate, uma pausa é o momento para o interlocutor tomar a palavra, isso porque existe um acordo implícito entre os falantes para que haja uma troca de turnos de fala. Caso essa pausa

não exista (ou um abaixamento de frequência relevante), temos um assalto de turno de fala. Muitos pesquisadores da área da saúde analisam as pausas (momentos de silêncio ou preenchidas) atreladas a patologias diversas, como é o caso da gagueira. Cotes (2007) pesquisou os usos das pausas em programas de televisão e registrou que elas quase não aparecem em telejornais e as pausas silenciosas foram mais frequentes em programas de interação, por estarem mais próximos de um diálogo convencional.

Piovezani (2013) fez uma análise de elementos prosódicos em um pronunciamento eleitoral da ex-chefe de estado Dilma Rousseff. Nesse estudo, elementos como pausas hesitantes colaboram para a construção de uma imagem negativa da presidenta, que passou a ter sua oratória atrelada a sua competência governamental.

Como vimos a oralidade é uma prática social, interativa com múltiplas finalidades comunicativas e que pode se desenvolver formalmente e informalmente nos mais diversos contextos de uso de fala. Ela pode, sobretudo em discurso formais, ter parâmetros modulados para que se torne uma ferramenta eficiente na comunicação.

2.2 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino da oralidade

A Base Nacional comum curricular (BNCC) é um documento normativo que

[...] define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica [...] com base nas aprendizagens essenciais estabelecidas na BNCC, passando, assim do plano normativo propositivo para o plano de ação e da gestão curricular que envolve todo o conjunto de decisões e ações definidoras de currículo e de sua dinâmica". (BRASIL, 2018, p. 20)

O foco deste estudo é o nono ano ensino fundamental II na área de Linguagens, com ênfase nas aulas de Língua Portuguesa, mas, a seguir, para fins de panorama organizacional será observado o documento da BNCC, no plano das competências gerais da educação básica, o qual está estruturado conforme Figura 01:

Figura 1 – Competências gerais da educação básica:



Figura 1 A BASE (2018)

As Competências Gerais da Educação são princípios norteadores que orientam o processo educacional e delineiam as metas mais amplas a serem alcançadas pelos estudantes ao longo de sua formação. Na figura 1, é dito que o ensino fundamental é dividido entre anos iniciais e anos finais, contudo, o foco desse trabalho está nos anos finais, sendo eles o 8º e 9º ano.

A Figura 02, a seguir mostra o sequenciamento de aprendizagem da BNCC.

Figura 2 – Sequenciamento de aprendizagem na BNCC

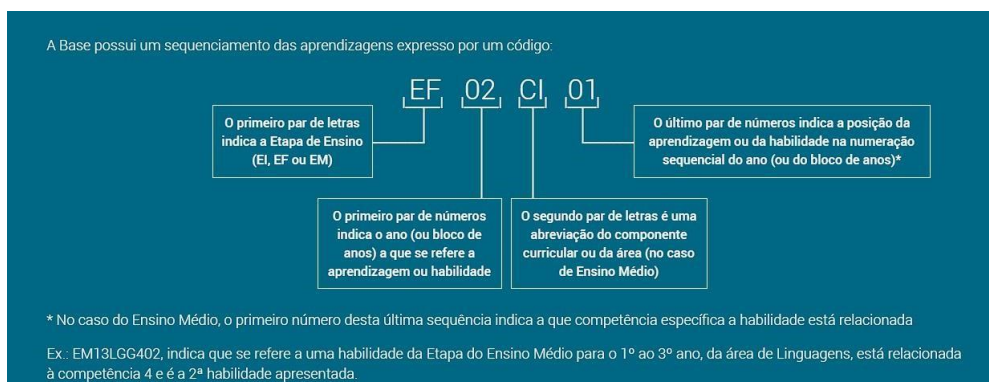


Figura 2 A BASE (2018)

Na BNCC, o sequenciamento de aprendizagem se refere à ordenação planejada e progressiva de conteúdos e habilidades que os estudantes devem adquirir ao longo dos anos escolares. Essa abordagem visa garantir uma progressão coerente e contínua no desenvolvimento de competências, alinhada aos objetivos educacionais estabelecidos pela BNCC. O sequenciamento é essencial para proporcionar uma aprendizagem gradual e integrada, considerando as etapas do ensino fundamental e médio.

A BNCC enfatiza a leitura, a escrita e a interpretação de acordo com os letramentos, desde que tenha habilidades e competências que envolvam a oralidade para a segunda etapa do Ensino fundamental “[...] este documento fundamenta-se na perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem.” (BRASIL, 2018, p. 65).

A BNCC também descreve habilidades que são de suma importância para a prática da oralidade.

A oralidade é uma competência essencial que deve ser desenvolvida ao longo de toda a Educação Básica. A BNCC destaca a importância de atividades que promovam a expressão oral dos estudantes, tais como debates, seminários, apresentações e discussões em grupo. (BNCC, 2017, p. 18)

A tabela a seguir trará algumas dessas habilidades:

Quadro 1 – Quadro das habilidades para a prática da oralidade

EF89LP02	Planejar, revisar e editar textos orais, considerando a situação comunicativa, o tema, a finalidade e os interlocutores.
EF89LP03	Argumentar de forma consistente em situações de interlocução formal e informal, utilizando estratégias de persuasão e considerando diferentes pontos de vistas.
EF89LP04	Expor ideias de forma clara e organizada, com o uso adequado de recursos linguísticos, como o uso e figuras e técnicas de organização textual.
EF89LP05	Utilizar estratégias de persuasão em debates e apresentações orais, adequando o discurso à audiência e ao contexto comunicativo.
EF89LP07	Participar ativamente de discussões, respeitando turnos de fala e normas de interação, contribuindo para o desenvolvimento do tema em debate.
EF89LP09	Utilizar recursos linguísticos e paralinguísticos para aumentar a expressividade do discurso oral, como entonação, gestos e expressões faciais.
EF89LP10	Valorizar a diversidade linguística e cultural na interação oral, reconhecendo e respeitando variedades linguísticas e culturais dos interlocutores.
EF89LP11	Utilizar a oralidade para investigar e resolver problemas do cotidiano e acadêmico, argumentando de forma clara e fundamentada.
EF89LP12	Utilizar recursos de ênfase e de organização textual na produção de textos orais, como estratégias de introdução, desenvolvimento e conclusão.
EF89LP13	Utilizar a linguagem oral para analisar e interpretar fenômenos sociais, culturais e naturais, demonstrando capacidade crítica e reflexiva.

(Fonte: BNCC, 2017)

Acima estão listadas algumas das habilidades referentes ao oitavo e nono que fomentam o trabalho e desenvolvimento da oralidade dos alunos. A BNCC destaca a importância de desenvolver a competência oral dos discentes, sendo ela essencial não apenas para uma comunicação eficaz, mas para o desenvolvimento do pensamento crítico. No entanto, a implementação dessas habilidades em sala de aula pode apresentar certos desafios.

Apesar da BNCC fomentar o trabalho da oralidade em suas habilidades como foi trazido no quadro acima, por vezes as habilidades acabam trazendo consigo também questões de morfologia, de semântica e/ou pragmática. Com isso, o professor pode utilizar essas habilidades, mas optar por ir para esses outros caminhos, não focando na produção oral, mas sim nos demais tópicos que a acompanham. Isso, segundo Koch e Elias (2006), pode limitar o desenvolvimento de habilidades comunicativas amplas. Para além disso, outras dificuldades podem aparecer durante o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Bakhtin (1986), a multiplicidade de gêneros discursivos e a necessidade de domínio de diversos contextos linguísticos podem ser desafiadoras para os alunos. Portanto, é crucial que os professores utilizem estratégias que integrem práticas orais de maneira significativa e contextualizada.

Nesse contexto, a BNCC valoriza a diversidade de gêneros textuais no processo educativo, entre eles o gênero memórias. Marcuschi (2001) enfatiza que o ensino da oralidade deve ser integrado ao contexto dos alunos, utilizando gêneros que façam sentido em suas vidas cotidianas. O gênero memórias, em particular, oferece uma rica oportunidade para o desenvolvimento da oralidade, ao permitir que os estudantes expressem suas experiências pessoais de maneira mais reflexiva.

Para além disso, a BNCC ampara também sobre o trabalho com o gênero memórias:

A prática de produção de textos de memórias literárias possibilita aos estudantes o exercício de reconstrução de experiências vividas, significando-se no presente. Esse gênero contribui para o desenvolvimento da identidade dos alunos e para o reconhecimento da importância da memória na construção da história pessoal e coletiva. (BNCC, 2017, p. 75)

A BNCC destaca a relevância do gênero memórias ao longo da educação básica, promovendo o desenvolvimento de habilidades, tais como escrita, reflexão e construção de identidade. O uso do gênero memórias é uma estratégia eficaz para

alcançar tais objetivos, proporcionando um contexto autêntico e relevante para o desenvolvimento das habilidades orais dos alunos.

2.3 Explorando o gênero memórias para desenvolver a oralidade em sala de aula

O gênero memórias emerge como uma ferramenta pedagógica valiosa para cultivar as habilidades de expressão oral dos alunos. Segundo Schneuwly e Dolz (2004), a prática de narrativas pessoais em sala de aula ajuda os alunos a desenvolver habilidades narrativas, essenciais para a comunicação oral. Caracterizado pela narrativa pessoal e reflexiva, as memórias oferecem um terreno fértil para o desenvolvimento das competências comunicativas, proporcionando aos estudantes uma plataforma para explorar suas próprias experiências, emoções e perspectivas.

Como Britton (1970) enfatiza, “a escrita de memórias permite aos alunos explorar suas próprias histórias e experiências, proporcionando um meio para o desenvolvimento da linguagem e da reflexão crítica” (Britton, 1970, p.78). Nesse sentido, a narrativa oral de memórias não apenas pode fortalecer a comunicação oral, mas também pode promover um ambiente de aprendizagem colaborativo, onde as experiências individuais dos discentes podem ser valorizadas.

Contudo, ao se trabalhar os gêneros textuais na escola, ela deve estar alinhada ao cumprimento dos textos propostos pela BNCC. De acordo com Remédios (1997), é o gênero memórias que nos dão o testemunho de um tempo e de um meio social, somados aos relatos de casos pessoais e familiares. As memórias podem ser abordadas em sala de aula enquanto gêneros literários e não-literários.

Quadro 2 – Gênero literário e não-literário

Gênero literário	Gênero não-literário
------------------	----------------------

Os gêneros literários destacam-se por possuírem uma natureza artística e estética, sendo expressões mais complexas e ricas em nuances. A literatura trabalha com a diversidade de vozes e estilos, proporcionando uma maior liberdade criativa para os autores.	Os gêneros não-literários são mais utilitários e funcionais, sendo usados em contextos comunicativos cotidianos. Eles seguem normas mais rígidas e têm a função principal de transmitir informações de forma clara e direta.
--	---

(Fonte: Bakhtin, 1986 - Adaptado pela pesquisadora)

Enquanto as memórias literárias destacam a expressão artística e emocional, as memórias não-literárias enfatizam o relato factual dos fatos. Analisar essas diferenças é importante para compreender o uso do gênero memórias nesse trabalho, pois ainda que estejamos focando no relato de memórias, ou seja, um gênero não-literário de cunho não-ficcional, baseado em fatos reais, vamos adentrar um pouco nas memórias literárias, já que elas aguçam nos alunos ouvintes ou leitores a imaginação e a vontade de produzir seus próprios textos narrativos.

Essas narrativas pessoais vão além da mera descrição de fatos, incorporando reflexões e interpretações que conferem profundidade emocional e intelectual ao texto. A natureza íntima das memórias permite que os alunos entrem em contato com a riqueza da expressão individual, explorando o poder das palavras para transmitir experiências vividas.

De acordo com Nóvoa (1992, p. 88), as memórias constituem uma ferramenta poderosa na formação de professores e alunos, pois permitem uma reflexão profunda sobre as experiências passadas e a construção de novos conhecimentos. Observa-se que as memórias oferecem uma base sólida para discussões em sala de aula, promovendo uma cultura de compartilhamento de experiências. Essas conversas estimulam a expressão oral, permitindo que os alunos desenvolvam a capacidade de ouvir e responder de maneira reflexiva.

Ao integrar trechos de memórias nas atividades de leitura em voz alta, os alunos são expostos a modelos de expressão oral envolvente. A complexidade

emocional desses textos incentiva uma leitura expressiva, ajudando os estudantes a desenvolverem entonação, ritmo e ênfase apropriados. Isso não apenas desenvolve a habilidade de expressar pensamentos, mas também promove a análise crítica, enriquecendo a compreensão e a apreciação da literatura. Propor o trabalho com o gênero memórias é:

[...] resgatar um passado, com base nas lembranças de pessoas que, de fato, viveram esse tempo. Representa o resultado de um encontro, no qual as experiências de uma geração anterior são evocadas e repassadas para outra, dando assim continuidade ao fio da história, que é de ambas, porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. (LIMA, 2009, p. 22)

2.4 Os gêneros orais

A comunicação oral é uma forma de interação humana, que ocorre em diversos contextos e possui uma variedade de gêneros específicos. Os gêneros orais podem ser definidos como formas de expressão verbal, que surgem em situações cotidianas, sejam elas informais, como conversas casuais, ou formais, como discursos políticos.

Segundo Bakhtin (1997), não há limites para os gêneros, pois eles são diretamente relacionados com múltiplas atividades da vida social. Os gêneros orais são a realização da fala, dos argumentos e, através deles, conseguimos analisar os aspectos da oralidade.

Hymes (1974) argumenta que “a competência comunicativa envolve não apenas o conhecimento das regras gramaticais, mas também a capacidade de usar a linguagem de maneira adequada em diferentes contextos” (Hymes, 1974, p. 60). O ensino dos gêneros orais na educação básica é fundamental para o desenvolvimento das habilidades comunicativas, na construção de identidades e até mesmo na manutenção de tradições culturais dos estudantes.

Compreender e utilizar os diferentes gêneros orais, tais como narrativas, apresentações e debate, possibilita que os alunos possam expressar suas ideias de maneira mais clara e efetiva. Labov (1972) afirma que “a narrativa oral é estruturada de maneira a refletir as experiências vividas e a identidade social dos narradores, sendo uma forma crucial de interação e comunicação em diferentes grupos sociais” (Labov, 1972, p. 360). Ao explorar e trabalhar com diferentes gêneros orais, os estudantes têm a oportunidade de aprimorar suas habilidades de comunicação oral,

expressão de ideias, de argumentação e de escuta. Este entendimento é essencial para a educação básica, pois permite que os professores reconheçam e valorizem as diversas formas de expressão oral de seus alunos.

2.4.1 Os gêneros orais formais

Segundo Travaglia (1996), a linguagem é um espaço de interação humana e comunicativa, onde os interlocutores produzem significados em uma situação de comunicação sociocultural e histórica. Parte desses significados são construídos por meio de documentos orais formais.

Os gêneros orais estão presentes nos mais diferentes contextos e níveis de formalidade, e, por isso, os gêneros orais formais se veem mais do que necessários no processo ensino-aprendizagem. Os gêneros orais formais, como os seminários acadêmicos e os debates estudantis, exigem dos alunos uma compreensão específica das regras e convenções da linguagem. O acesso e o trânsito entre esses gêneros carecem do conhecimento de gêneros informais adquiridos antes do acesso à escola.

A transição para os gêneros orais formais marca uma etapa importante no desenvolvimento educacional dos alunos. Os gêneros orais informais, como as conversas do dia a dia e os relatos de experiências pessoais, apresentam características distintas. Nesses contextos, a linguagem tende a ser mais flexível e espontânea, sem as restrições das normas formais de comunicação. Como salientado por Goffman (1981), a interação face a face é marcada por rituais e convenções próprias, que moldam a comunicação informal. No entanto, é importante destacar que a distinção entre texto formal e informal não é uma dicotomia rígida, mas sim um espectro onde os gêneros orais ocupam diferentes posições, como se pode notar ao assistirmos televisão.

Roldão (2003) discute sobre o senso comum de que a linguagem oral do telejornalismo deve ser “coloquial”, contudo, aceitar essa definição significa simplificar uma área de estudo que possui complexidades até então não exploradas. Através dessa discussão podemos refletir acerca de como a definição de coloquialidade pode ser distinta dependendo do ponto de vista. Na maioria das vezes compreendemos coloquialidade como informalidade, mas nunca atrelamos o jornal como uma fala coloquial. Como argumenta Bakhtin (1981), a linguagem é heterogênea e multifacetada, refletindo as diversas situações e contextos em que é utilizada. Desse

modo, uma vez que o contexto educacional é um ambiente formal, surge a necessidade de explorar gêneros orais que possam prepará-los.

Conforme observado por Ledo e Bolfe (2017), ao ingressar no ambiente escolar, a criança passa a entrar em contato com os gêneros secundários ou formais, como entrevistas e apresentações em formato de seminário. Esses gêneros formais exigem dos alunos uma organização prévia das ideias e uma capacidade de expressão clara e articulada.

Como dito anteriormente, a transição para os gêneros orais formais como os seminários acadêmicos e as apresentações em sala, requer que os alunos não possuam apenas uma compreensão das normas linguísticas, mas também a habilidade de articular ideias de maneira clara. Nesse contexto, a escolha do gênero memórias mostra-se uma bastante contributiva, pois oferece aos alunos praticar a expressão oral dentro de um espaço formal enquanto exploram experiências vividas por eles.

2.5 Técnicas para desenvolver práticas de oralidade

A prática da oralidade, enquanto habilidade a ser aperfeiçoada de maneira sistematizada, pode contribuir com aspectos articulatórios, de pronúncia e expressividade. São nessas situações que os discentes experimentam as mais diversas sensações, que vão do coração acelerado, boca seca até o tremor nas mãos e pernas.

Nessa perspectiva, Freire (2004) diz que ao se enfrentar o desafio da oralidade, os alunos não apenas desenvolvem habilidades comunicativas, mas também fortalecem sua autoconfiança e capacidade de expressão pública, essências para sua integração social e sucesso acadêmico. Dessa forma, é fundamental buscar estratégias pedagógicas que facilitem o trabalho com as práticas orais.

Segundo Freitas (2019), para superar o medo de se apresentar em público devemos estar conscientes de que somente treino, persistência e conhecimento das técnicas de aperfeiçoamento seremos capazes de melhorar a oralidade.

Entretanto, a escola muitas vezes não trabalha a prática da oralidade de maneira efetiva ao que se refere a superar essas dificuldades e receio dos discentes.

A oralidade, assim como a escrita, está presente em nossa vida cotidiana, bem como nos conteúdos recomendados aos processos de ensino-aprendizagem realizados nos ambientes escolares. Contudo, muitas vezes nós professores/as temos uma preocupação maior com o ensino e com a prática da produção de textos escritos e deixamos de utilizar recursos metodológicos para ensinar e praticar a oralidade. O que vemos na escola, geralmente, é a expressão oral – aquilo que é pronunciado – sendo trabalhada a partir do texto escrito (leitura em voz alta, recital de poemas etc.). Nesse caso, acabam por serem deixadas de lado as atividades com textos orais propriamente ditos, ou seja, aqueles que não necessitam da escrita para existirem, a exemplo do debate, da anedota, da história de vida, da emissão de opiniões etc. (GUIMARÃES, TODESCATTO, APOEMA, 2016, p. 19).

Desse modo, é fundamental que a escola esteja cada vez mais preparada e atenta para esse tipo de atividade relacionada à prática da oralidade.

Diante disso, o manual prático de argumentação da oratória de Freitas (2019) pode auxiliar o professor a perceber detalhes que fazem a diferença em um ato locucionário. A obra relata aspectos importantes para uma apresentação oral e reflexões como no exemplo a seguir:

O que você deve fazer a respeito desses problemas?

- a) reconheça que os outros têm os mesmos medos;
- b) procure analisar de que você tem medo e por quê;
- c) prepare-se. Treine muitas vezes;
- d) perceba que você tem coisas importantes para dizer e que você quer dizê-las;
- e) durante uma apresentação tenha sempre em mãos os principais tópicos de seu discurso;
- f) especialize-se. Faça cursos;
- g) mantenha o foco no discurso. Não permita que aborrecimentos externos atrapalhem a sua fala;
- h) experimente-se muitas vezes no palco. A repetição e a vivência são fundamentais para a construção da postura de um bom orador;
- i) sempre que puder registre(grave) a sua fala
- j) o autoconhecimento irá te trazer sabedoria para mudar o que não gosta

(FREITAS, 2019, p. 6).

Para além disso, diversos outros aspectos são importantes para ter um bom desempenho em apresentações orais, tais como postura corporal, gestos, olhar, posição de pernas, apertos de mão, entre outros que demonstra que uma situação oral formal demanda outros fatores que estão para além da expressão oral. Sobre gestos e postura como forma de linguagem, Freitas (2019) infere que:

São muitos os elementos corporais que podem ser analisados de forma isolada como: expressão facial, olhar, gesticulação, carisma, postura, movimento das pernas, andar, os pés as pernas, o tronco e vestuário. Quem nunca ficou nervoso com uma apresentação, mas podemos diminuir a ansiedade os erros mais frequentes, pois é possível aprender a adequar os

seus gestos à fala. Tratar a naturalidade da fala é imprescindível para um bom desempenho gestual e isso só consegue com treinos e autoconhecimento. (FREITAS, 2019, p. 12).

Ainda em relação à postura, Freiras (2019) afirma que, independentemente do lugar ou situação a postura de uma pessoa revela suas características, pois em qualquer lugar sempre as pessoas estão sendo observados, diante disso: “[...] procure manter uma postura sempre ereta e equilibrada, isso demonstrará determinação e firmeza, influenciando positivamente na predisposição dos ouvintes em relação ao seu discurso” (FREITAS, 2019, p. 19).

3. METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa foi desenvolver habilidades e competências específicas para a apropriação do uso social da língua em situações formais por meio de análises, reflexões e elaboração de um modelo didático para educação básica do fundamental II. A seguinte metodologia possui duas etapas que foram realizadas para auxiliar no desenvolvimento do pré-produto, o mesmo que consiste em uma sequência de atividades pedagógicas. Diante disso, pode-se classificar essa pesquisa como exploratória e descritiva, pois, antes da elaboração das atividades, identificou-se e explorou-se o problema de forma empírica, seguido também de uma pesquisa bibliográfica, análise e intervenção.

3.1 Local e perfil dos participantes

A realização da pesquisa se deu em uma escola municipal da cidade de Antas-BA e contou com a participação de 26 alunos, que no primeiro contato feito em novembro de 2022, estavam no 8º ano. O trabalho teve continuidade no ano seguinte e que continuou com 26 alunos, agora do nono ano.

A turma em questão, em sua grande maioria, não possuía o hábito de leitura, o que já demonstrava ser um problema a ser enfrentado durante o decorrer do processo das atividades. Outro ponto observado era a dificuldade no quesito leitura e interpretação, o que consequentemente também afetava negativamente a oratória. Tais aspectos foram percebidos através de observações em sala de aula e conversas com outros colegas de profissão. Além disso, houve também relatos de ansiedade e

insegurança dos mais variados nos alunos nos momentos apresentações ou dinâmicas que envolviam a fala em público.

A instituição de ensino oferta turmas do ensino fundamental II, que funcionam em três turnos (matutino, vespertino e noturno), comportando 602 alunos, onde a maioria reside em povoados próximos à cidade, sendo eles: Frei Apolônio; Boa Vista; Rangel; Areia Branca; Malhada das Areias; Sítio dos Chagas; Umbuzeiro da Areia; Poços; Brejos 1, 2 e 3; Entroncamento e Caboclo.

A escola conta com uma diretora, um coordenador para cada área de conhecimento (Linguagens, Exatas e Humanas), além de um psicólogo e uma psicopedagoga. Já o corpo docente é composto por 32 professores.

3.2 Sistemas de avaliações de escrita e oralidade

Em relação ao desempenho da escola, podemos destacar os dados coletados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que demonstram a evolução da instituição referente aos anos de 2005 a 2021.

Figura 3 – Evolução do Ideb (2005 – 2021)

Evolução do IDEB

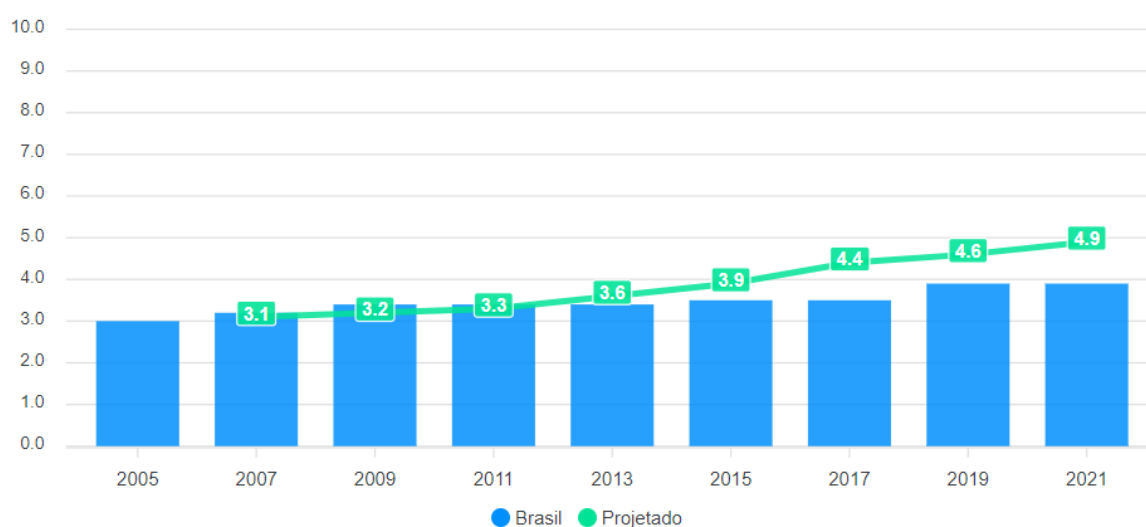


Figura 3 Evolução Ideb, 2021

O Ideb é um indicador que mede a qualidade da educação básica, levando em consideração o desempenho dos alunos em avaliações padronizadas. Com isso, a relação desses dados com a oralidade pode ser dada de maneira indireta.

A oralidade, que inclui habilidades de fala e escuta, é algo essencial para o desenvolvimento linguístico dos alunos. Tais habilidades são fundamentais para a compreensão de textos, apresentações orais, discussões e, conseqüentemente para o desempenho acadêmico do discente como um todo.

Portanto, embora o Ideb não meça diretamente, a oralidade pode influenciar indiretamente nos componentes que o índice avalia. Dito isso, compreende-se que o desenvolvimento das competências orais dos alunos pode também contribuir para o desempenho educacional deles, o que por consequência resulta em um aumento nos índices do Ideb.

Além do Ideb, observar a evolução nas notas do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) possibilita ter um panorama ao que se refere ao desenvolvimento da escola, especificamente em relação à Língua Portuguesa.

Figura 4 – Evolução do Saeb

Evolução nota SAEB

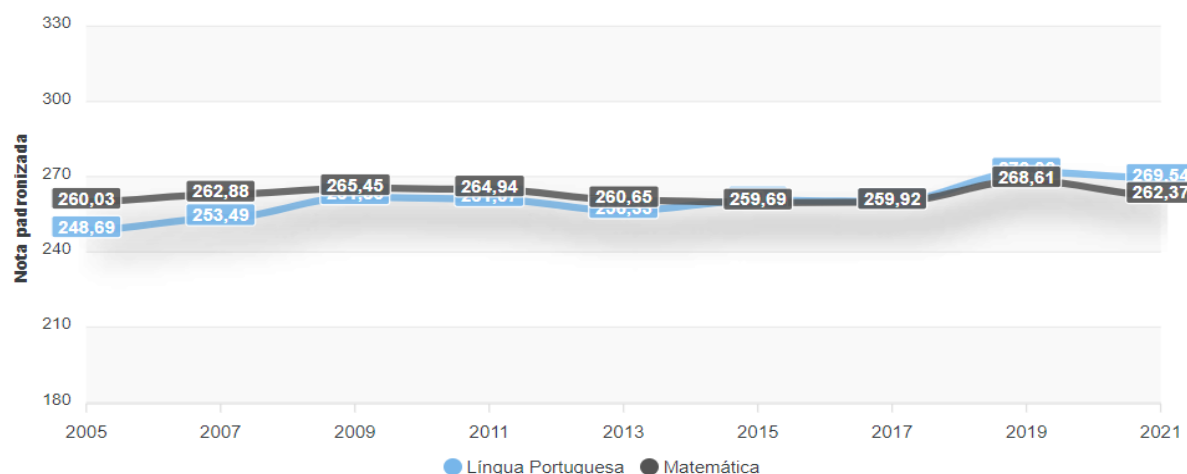


Figura 4 Evolução SAEB. Ideb, 2021

Dentro do plano escolar no ano que se tem a prova do Saeb, planeja-se tanto os conteúdos pertinentes ao fundamental II, quanto aqueles ligados aos descritores exigidos pelo MEC para Língua Portuguesa e Matemática. De acordo com nossa

vivência enquanto professores de Língua Portuguesa conseguimos trabalhar ambos os conteúdos de uma forma dinâmica. Existem 6 tópicos de descritores de Língua Portuguesa e alguns deles são específicos da oralidade.

Quadro 3 – Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb

Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb: Temas e seus Descritores 9º ANO do Ensino Fundamental	
I. Procedimentos de Leitura	D1 – Localizar informações explícitas em um texto. D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão. D4 – Inferir uma informação implícita em um texto. D6 – Identificar o tema de um texto. D14 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
II. Implicações do Suporte, do Gênero e/ou do Enunciador na Compreensão	D5 – Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.). D12 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.
do Texto	
III. Relação entre Textos	D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido. D21 – Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
IV. Coerência e Coesão no Processamento do Texto	D2 – Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto. D7 – Identificar a tese de um texto. D8 – Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la. D9 – Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto. D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa. D11 – Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto. D15 – Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.

V. Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido	D16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados. D17 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações. D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão. D19 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.
VI. Variação Linguística	D13 – Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

(Fonte: Ideb, 2022)

De acordo com o Ideb (2008), no contexto da oralidade, são avaliadas as capacidades dos estudantes de compreender, analisar e produzir textos orais em diferentes contextos comunicativos, levando em consideração a adequação ao gênero.

Observa-se no quadro acima que os itens 1, 3 e 4 direcionam o trabalho com a oralidade. Antes de aplicar os simulados, os professores discutem e podem trazer para a sala de aula atividades que envolvem a oralidade, como debates e discussões sobre cada descritor. Os descritores são abordados individualmente e posteriormente corrigidos.

A partir dos gráficos apresentados, nota-se que a pontuação da escola no Saeb tem aumentado progressivamente, reflexo do comprometimento da direção em melhorar a qualidade da educação, conforme demonstrado pelas avaliações externas. Segundo o coordenador responsável pelo Saeb na escola, o trabalho de preparação inclui reforço e revisão de conteúdos, habilidades e descritores de anos anteriores, realizado em horários complementares às aulas. Os professores foram preparados para desenvolver atividades que revisitassem esses descritores.

Para acompanhar o progresso dos alunos, são planejados e aplicados simulados ao longo do ano letivo. Esses simulados ocorrem de três formas: um elaborado pelo próprio professor, que tem liberdade para escolher os descritores a serem avaliados; um simulado institucional preparado pela coordenação pedagógica com base no plano elaborado pelos professores; e simulados preparados pela Secretaria de Educação, que não necessariamente estão alinhados com os conteúdos do currículo.

Com base nos resultados obtidos, a escola identifica as habilidades ou descritores nos quais os alunos apresentam maior dificuldade e implementa ações para melhorar o desempenho dessas turmas. As atividades de reforço dos conteúdos básicos, realizadas na última edição dos simulados, indicam que as turmas enfrentaram certas dificuldades nesses conteúdos, possivelmente exacerbadas pelo período de pandemia.

Durante o ano letivo, além do planejamento, são realizadas avaliações contínuas durante a aplicação das atividades, permitindo ajustes necessários para alcançar os objetivos estabelecidos, com foco na prova do Saeb e na transição para o Ensino Médio.

3.3 Análise do livro didático utilizado na escola em questão

Com o intuito de verificar se e como a oralidade vem sendo abordada em sala de aula, decidimos fazer a análise do livro “Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem”, de Marisa Balthasar e Shirley Goulart. – Editora Moderna, 2016, adotado como material didático para as turmas que participam desta pesquisa.

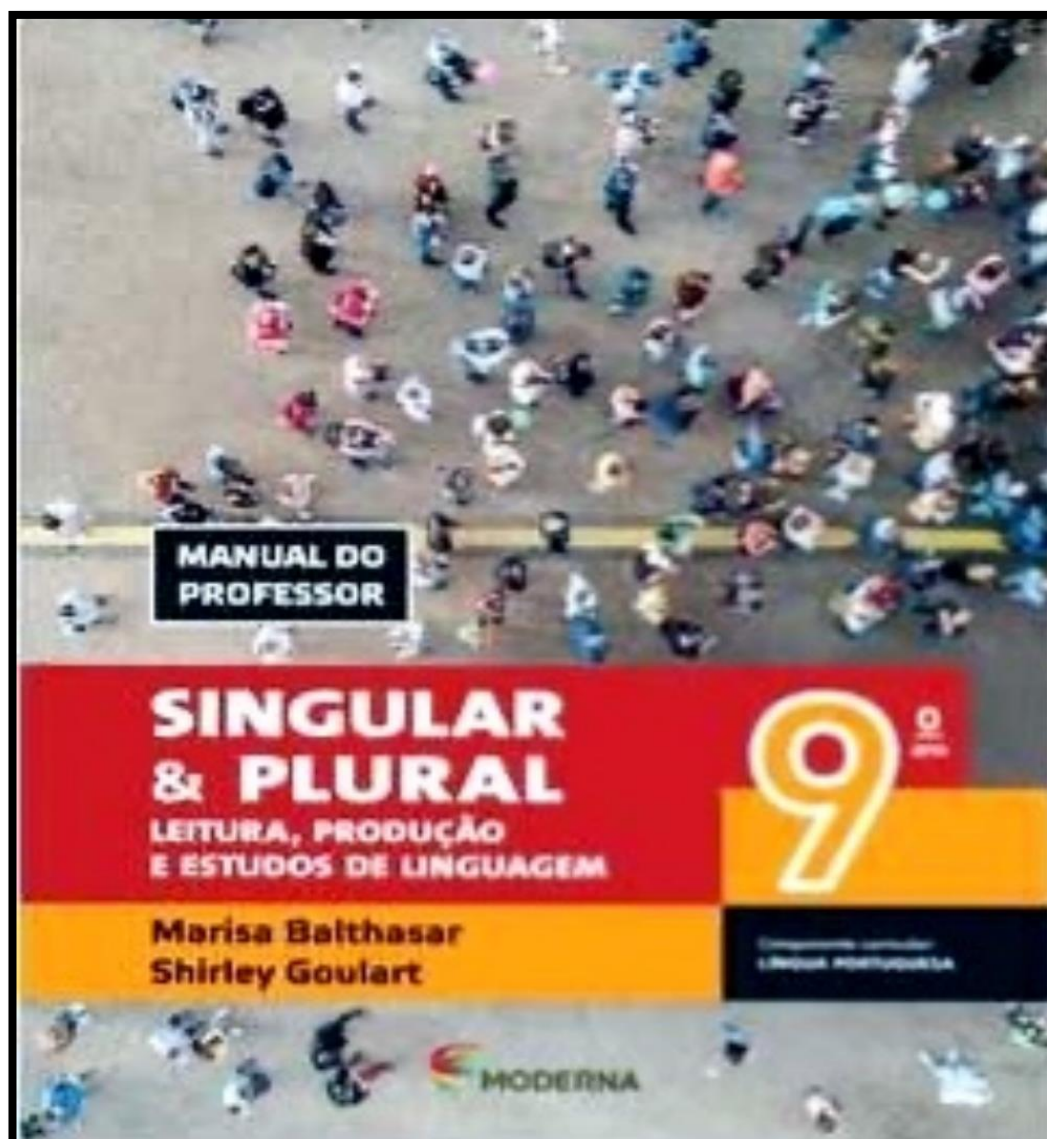


Figura 5 Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem - Marisa Balthasar e Shirley Goulart

A escolha do livro é feita pela coordenação em conjunto com os professores da área. Nesse processo, as editoras enviam modelos não oficiais de livros para análise. O material em questão é renovado a cada quatro anos pela escola.

O livro está organizado em 4 unidades, cada uma com 3 capítulos. Como discutido anteriormente no tópico 2.2, a BNCC promove o trabalho com a oralidade. No entanto, muitas vezes, as habilidades abordadas incluem também aspectos como morfologia e sintaxe. Por vezes, por falta de compreensão, o professor pode priorizar esses aspectos em detrimento do trabalho com a oralidade. Koch e Elias (2006) ressaltam que uma abordagem que enfatiza apenas os aspectos formais da língua pode negligenciar o desenvolvimento de habilidades comunicativas mais amplas, essenciais para a interação social e uso funcional da língua.

Portanto, uma análise mais aprofundada do livro utilizado na escola permite uma compreensão ampliada das formas de trabalhar a oralidade em sala de aula

Sumário		13
Unidade 1		
Capítulo 1 — A verdade e a mentira no jornalismo científico em tempos de fake news		14
Leitura		15
Atividade 1 — Fake news e a “pós-verdade”		16
<i>Genealogia da desinformação!</i> , de Vaza, Falsiane		21
Produção de texto		21
Conhecendo o gênero — Reportagem		21
Atividade 1 — A importância em construir conhecimento		21
<i>Nem plana, nem redonda: definir a forma exata da Terra é um desafio</i> , de Carla Madureira Cruz		25
Atividade 2 — Confrontando diferentes informações		25
<i>A “ciência” da Terra plana</i> , de Superinteressante		32
Atividade 3 — Comparando informações		33
Produzindo o texto		37
Galeria		37
Capítulo 2 — Práticas com romance juvenil da literatura portuguesa contemporânea		38
Leitura		41
Texto 1: <i>Prólogo</i> , de Alice Vieira		41
Texto 2: <i>Meia hora para mudar a minha vida</i> , de Alice Vieira		47
Galeria		55
Capítulo 3 — Períodos compostos por subordinação I		56
Tópico 1: Período composto por coordenação e por subordinação		56
Tópico 2: Orações subordinadas substantivas		58
Tópico 3: Oração subordinada substantiva subjetiva		59
Tópico 4: Oração subordinada substantiva predicativa		60
Tópico 5: Oração subordinada substantiva apositiva		61
Tópico 6: Oração subordinada substantiva objetiva direta		62
Tópico 7: Oração subordinada substantiva objetiva indireta		63
Tópico 8: Oração subordinada substantiva completiva nominal		64
Tópico 9: Oração subordinada substantiva reduzida		65
Atividades		66

Figura 6 Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem - página 8: Sumário

Unidade 2	69
Capítulo 4 – Adolescência e sexualidade	70
Leitura	72
Atividade 1 — Leitura colaborativa: Sexualidade e promoção de saúde entre os jovens	72
<i>Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes</i> , de Maria Helena Campos et al.	72
Atividade 2 — Leitura e roda de conversa: Sexualidade e saúde	77
Texto 1: <i>Brasil tem taxa de gravidez na adolescência acima da média</i> , de Catraquinha	78
Texto 2: <i>Adolescentes iniciam vida sexual cada vez mais cedo</i> , de Jornal da USP	81
Texto 3: <i>O que é o HPV, que atinge metade da população jovem brasileira</i> , de Luiza Bandeira	83
Produção de texto	87
Conhecendo o gênero — Seminário	87
Atividade 1 — O que é seminário	88
Atividade 2 — Resumindo textos — apagando e generalizando informações	89
Atividade 3 — Sintetizando informações	90
Atividade 4 — A apresentação oral no seminário	91
Produzindo o texto	95
Capítulo 5 – Práticas de leitura com romance juvenil	100
Leitura	101
Texto 1: <i>Capítulo 18</i> , de Alice Vieira	101
Texto 2: <i>Epílogo</i> , de Alice Vieira	103
Oficina de leitura e criação — Produção de contos inspirados no estilo de Alice Vieira	
– <i>Variações de Meia hora para mudar a minha vida</i>	108
Galeria	112
Capítulo 6 – Períodos compostos por subordinação II	115
Tópico 1: Orações subordinadas adjetivas	115
Oração subordinada adjetiva explicativa e restritiva	116
Oração subordinada adjetiva reduzida	118
Tópico 2: Oração subordinada adverbial	119
Oração subordinada adverbial temporal	120
Oração subordinada adverbial condicional	121
Oração subordinada adverbial proporcional	121
Atividades	122

Figura 7 Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem - página 9: Sumário

Unidade 3	125
Capítulo 7 – Corrupção: o que é e como se combate?	126
Leitura	127
Atividade — Leitura colaborativa: ética e liberdade	127
Capítulo 3: <i>Faça o que quiser</i> , de Fernando Savater	129
Produção de texto	134
Conhecendo o gênero — Artigo de opinião	134
Atividade 1 — Artigo de opinião — o que é, para que serve e como se faz?	134
Atividade 2 — Os movimentos argumentativos	138
Texto 1: <i>Trote nas universidades deve ser proibido? Sim</i> , de Antonio Almeida e Oriowaldo Queda	139
Texto 2: <i>Trote nas universidades deve ser proibido? Não</i> , Víctor Gabriel Rodríguez	139
Atividade 3 — A modalização no artigo de opinião	141
Produzindo o texto	143
Capítulo 8 – Africanidades, poesia e ritmo na música brasileira	146
Leitura 1	149
Clementina de Jesus, de Museu Afro Brasil	149
Leitura 2	152
Texto 1: <i>Canto II</i>	153
Texto 2: <i>Ponto de jongo</i>	155
Oficina de leitura e criação — Produção de programa de rádio — <i>Africanidades na música brasileira</i>	157
Galeria	164
Capítulo 9 – Períodos compostos por subordinação III	165
Tópico 1: Orações subordinadas adverbiais	165
Oração subordinada adverbial comparativa	165
Oração subordinada adverbial consecutiva	166
Oração subordinada adverbial causal	168
Oração subordinada adverbial concessiva	168
Oração subordinada adverbial final	169
Oração subordinada adverbial conformativa	171
Tópico 2: Orações subordinadas adverbiais reduzidas	172
Atividades	174

Figura 8 Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem - página 10: Sumário

Unidade 4	177
Capítulo 10 – Final do Ensino Fundamental – o que sabemos e queremos do Ensino Médio!	178
Leitura	180
Atividade 1 — Conhecendo um pouco sobre o Ensino Médio	180
<i>Ensino Médio é a etapa que vai exigir mais atenção do próximo governo,</i> <i>de Mariana Tokarnia</i>	180
Atividade 2 — Leituras e roda de conversa: Desafios e possibilidades do Ensino Médio	184
Texto 1: <i>Cresce o número de jovens entre 15 e 29 anos que não estudam nem trabalham,</i> de Ana Carolina Moreno	184
Texto 2: <i>Pesquisa do IBGE mostra grande desejo dos brasileiros por qualificação profissional,</i> de Helayne Boaventura.	188
Texto 3: <i>Ensino Médio deve visar, mais que vestibular, o gosto pelo saber, diz pesquisadora,</i> de Silvia Gasparian Colello	190
Produção de texto	193
Conhecendo o gênero — <i>podcast</i>	193
Atividade 1 — Comparando dois formatos de <i>podcasts</i>	193
Texto 1: <i>Braincast 284 – Tecnologia e o Futuro da Educação</i> (transcrição do áudio)	194
Texto 2: <i>Juventude, protagonismo e transformação social</i> (transcrição do áudio)	198
Atividade 2 — Da pauta ao roteiro de edição	202
Produzindo o texto	206
Capítulo 11 – Novos leitores na barca medieval: práticas com <i>Auto da barca do inferno</i>	210
Leitura	213
<i>Auto da barca do inferno</i> , de Gil Vicente	213
Oficina de leitura e criação — Produção de pequenas cenas de humor (esquetes) inspiradas em autos vicentinos	220
Galeria	227
Capítulo 12 – Figuras de linguagem	230
Tópico 1: Aliteração e seus efeitos de sentido	230
Tópico 2: Assonância e seus efeitos de sentido	231
Tópico 3: Paronomásia e seus efeitos de sentido	233
Atividades	234
ANEXO	236
Referências bibliográficas	246

Figura 9 Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem - página 11 Sumário

Através de uma breve leitura do sumário, é possível observar que não há menção direta à oralidade, reiterando o ponto discutido anteriormente. Essa omissão dificulta ainda mais o trabalho do professor em relação às práticas orais com os alunos.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004), trabalhar a oralidade na educação básica permite que os alunos desenvolvam uma competência comunicativa e a produção de discursos orais em diversos contextos. A habilidade de se comunicar oralmente é essencial para o desenvolvimento acadêmico; portanto, é de grande importância analisar as oportunidades oferecidas pelo livro como guia.

No livro em questão, o capítulo 1 aborda temas como *fake news*, pós-verdade e o gênero reportagem. Sabendo que muitas *fake news* circulam através de mídias sociais, como áudios e vídeos de *WhatsApp*, por exemplo, o professor poderia desenvolver atividades nas quais os alunos analisariam as *fake news* que estão

circulando na região e produziriam reportagens que revelassem a verdade por trás dos fatos que causam desinformação. Essa atividade não só promoveria a prática da oralidade durante a produção das reportagens, mas também estimularia os alunos a adotarem um pensamento crítico em relação às informações que recebem.

No capítulo 4, o livro aborda adolescência, sexualidade e saúde, além de introduzir o gênero seminário. Propõe-se uma roda de conversa sobre esses temas, o que permite trabalhar as práticas orais. O gênero seminário poderia ser usado para reforçar os tópicos discutidos na roda de conversa, dando aos alunos a oportunidade de serem protagonistas do discurso.

O capítulo 8 aborda africanidades, poesia e ritmo na música brasileira, oferecendo várias atividades que podem desenvolver as habilidades orais dos alunos. Esse capítulo não só abre espaço para discutir a oralidade em si, ao refletir sobre o conceito de ritmo e explorar variedades linguísticas, mas também inclui a produção de rádio como uma atividade potencial.

No capítulo 10, o livro explora desafios e possibilidades no ensino médio, introduzindo o gênero podcast. Este capítulo é especialmente relevante para promover a oralidade, já que as atividades envolvem até mesmo a transcrição, abrindo caminho para o estudo da fonética e fonologia.

Essa análise demonstra que é viável trabalhar a oralidade na sala de aula. Cabe ao professor selecionar e adaptar atividades de acordo com o conteúdo, garantindo que a prática da oralidade não seja negligenciada em favor de aspectos como morfologia e sintaxe. Koch e Elias (2006) argumentam que é crucial equilibrar o ensino dessas áreas com práticas que incentivem o uso efetivo da língua. O livro continua sendo um excelente guia para o professor, mas é fundamental que a prática da oralidade receba a devida atenção para não ser relegada a segundo plano.

3.4 Teste diagnóstico: leitura e discussão de texto

O teste diagnóstico descrito a seguir teve como objetivo analisar os aspectos da oralidade na turma do nono ano do ensino fundamental II, da referida escola, buscando reunir dados referentes a possíveis dificuldades dos discentes relacionadas à prática da oralidade.

De acordo com Araújo e Suassuna (2020), o ensino da língua falada se apoia em concepções diversas, que vão desde a leitura em voz alta até um trabalho

interativo com gêneros textuais orais. Desse modo, para este teste diagnóstico optou-se por uma atividade voltada as questões de leitura.

A seguinte pesquisa foi iniciada em novembro de 2022, e os alunos em questão faziam parte do 8º ano do ensino fundamental II.

A primeira visita feita na escola foi feita no dia 23/11/2022 teve como objetivo apresentar uma atividade de leitura para os alunos, conforme explica-se a seguir:

- 1º momento: Apresentação do objetivo texto: “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector;
- 2º momento: Leitura do texto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector;
- 3º momento: Leitura compartilhada;
- 4º momento: Discussão sobre a obra;
- 5º momento: Ao fim da discussão, foi entregue aos alunos uma ficha de leitura com o objetivo de analisar a interpretação e a argumentação individualmente;
- 6º momento: Debate acerca das questões presentes na ficha de leitura.

3.5 Impressões sobre a etapa “Teste Diagnóstico”

Como dito anteriormente, a aplicação dessa atividade teve como objetivo analisar os aspectos da oralidade, para assim reunir dados acerca dos aspectos da oralidade em cada um dos alunos.

No decorrer da execução das atividades foram observadas dificuldades voltadas à leitura, notadas principalmente no momento da leitura compartilhada. Notou-se problemas voltados para a fluidez do discurso, articulação de algumas palavras e na entonação na qual estavam falando, percebidos através de observações da fala dos alunos.

Outro ponto analisado durante a leitura, foi o tremor das mãos e das pernas, comportamentos esses que foram facilmente perceptíveis até mesmo quando a leitura do aluno/a era feita em sua respectiva cadeira.

Por fim, através dos dados reunidos através das fichas de leitura, ficaram nítidas também as dificuldades relacionadas à interpretação textual, explanação sobre os enredos e argumentação das justificativas sobre as escolhas bibliográficas, que são pontos importantes a serem considerados uma vez que podem contribuir para o desenvolvimento da oralidade.

4. PRODUTO

4.1 Sequência de Atividades Pedagógicas

Com o propósito de sistematizar o trabalho de pesquisa sobre a oralidade na escola, mais precisamente nas aulas de Língua Portuguesa, foi desenvolvida uma Sequência de Atividades Pedagógicas de intervenção. A SAP que teve construção baseada no gênero textual memórias e sua aplicação cumpriu as seguintes etapas:

- a) Estudo sobre o conceito, a importância e os parâmetros da oralidade;
- b) Estudo do gênero memórias e leituras para exemplificar o mesmo;
- c) Atividade sobre a prática do gênero memórias;
- d) Desenvolvimento e trabalho com o gênero memórias dos alunos em apresentações individuais.

O texto de Clarice Lispector, escolhido para o teste diagnóstico, tentou mostrar a eles a importância da leitura e conseqüentemente alguns aspectos da oralidade. No entanto, percebemos que o texto era muito denso para o público e não despertou nos alunos o interesse pelo debate. Diante das fragilidades apresentadas pelos alunos no que se concerne leitura, interpretação e explanação de ideias sobre o texto, percebemos que teríamos de escolher uma estratégia mais dinâmica para trabalhar a oralidade. Após muitas discussões, reflexões e pesquisas, decidiu-se por trabalhar com o gênero memórias.

Todo o desenvolvimento da SAP pode ser melhor compreendido através do quadro abaixo:

Quadro 4 – Cronograma de desenvolvimento da SAP

	DURAÇÃO	O QUE FOI FEITO?
1° ENCONTRO	2 AULAS	Exposição sobre o conceito da oralidade, tal qual sua importância e seus parâmetros prosódicos, assim como foram apresentados nesse trabalho. (material disponível no Apêndice F)

2° ENCONTRO	2 AULAS	Explicação sobre o significado do gênero memórias, leitura de exemplos de memórias como o texto Lembranças de Outono, de Maria da Silva e aplicação de atividade. (material disponível nos Apêndices E e G)
3° ENCONTRO	3 AULAS	Recolhimento dos textos produzidos no encontro anterior e escuta prévia das memórias que seriam apresentadas pelos discentes no dia da culminância.
4° ENCONTRO	3 AULAS	Culminância “Minhas Memórias”, com a observação de maneira individual da oralidade e da evolução de cada aluno.

4.2 Minhas Memórias

O conjunto de atividades intitulado "Minhas Memórias" seguiu uma sequência pedagógica estruturada, culminando com a apresentação individual dos discentes no último encontro. Essa abordagem permitiu uma análise detalhada de seus desempenhos e das fragilidades relacionadas à oralidade e seus aspectos.

Durante a fase de apresentação, foi conduzida uma discussão sobre a importância da oralidade na sociedade. Além disso, os alunos foram instruídos sobre o motivo da escolha do gênero de memórias, destacando-o como uma forma significativa de compartilhar e documentar nossas vivências. Esse processo nos posiciona como protagonistas e sujeitos socio historicamente situados. A escolha desse gênero também foi motivada pela percepção de que seria mais acessível aos alunos, considerando as dificuldades previamente relatadas por eles.

5. CADERNO PEDAGÓGICO

Essa etapa será dedicada a descrição de como se deu a aplicação da Sequência de Atividades Pedagógicas.

5.1 Etapa 1 – Aula expositiva sobre a oralidade

Seguindo a metodologia apresentada na sessão anterior, o curso SAP teve início com duas aulas expositivas e interativas sobre o conceito de oralidade, destacando sua importância e prática como habilidade que pode ser aprimorada através dos aspectos articulatórios de pronúncia e expressividade. Durante essas aulas, discutiu-se como seria feita a análise da oralidade dos alunos na atividade que seria proposta, chegando-se ao consenso de que seriam realizadas apresentações individuais baseadas no gênero textual memórias.

A partir desta explicação inicial, cada aluno foi convidado a selecionar uma memória significativa de sua vida. Em seguida, cada um foi ouvido separadamente pela professora, permitindo uma observação mais detalhada das particularidades de cada estudante.

5.2 Etapa 2 - Conceito de memórias, o gênero memórias e as primeiras memórias

No segundo encontro, foi introduzido aos alunos o conceito de memórias e como essa escolha contribuiria para a sequência das atividades de análise e observação dos aspectos da oralidade. Também foi debatido o tema em questão. Para exemplificar o gênero das memórias, foram apresentados os textos "Lembranças de Outono", de Maria da Silva, e "O Diário de Anne Frank", de Anne Frank.

Conforme Bakhtin (1997), ao recordarmos nosso passado, habitualmente marcamos os valores que efetivam a evocação de nós mesmos. A memória é responsável por manter vivo o vínculo estabelecido entre nós, nossa família e as comunidades das quais fazemos parte, sem as quais perderíamos traços importantes de nossa formação pessoal. Com isso, os alunos receberam orientações para produzir em casa um texto que retratasse uma memória significativa de suas vidas.

5.3 Etapa 3 – Recolhimento dos Textos, Organização das Apresentações e Prévia das apresentações com o gênero memórias

Nesta fase, foram coletados os textos desenvolvidos em casa, nos quais os alunos escreveram suas memórias. Optou-se por transpor a modalidade escrita para a modalidade oral, enfatizando a importância da concatenação e da organização prévia das ideias para um discurso oral bem-sucedido. Seguindo orientações de Freitas (2019), foram oferecidas mais diretrizes sobre práticas orais em contextos

formais, além de dicas para lidar com a ansiedade durante as apresentações, considerando que a maioria dos alunos mencionou isso como um dos principais desafios ao se apresentar em público.

Em seguida foi desenvolvida a preparação das falas dos alunos. Para uma análise mais detalhada das dificuldades relacionadas à oralidade, foram realizados atendimentos individualizados. Alguns alunos que haviam escrito mais de uma memória foram orientados a escolher apenas uma delas, aquela que mais significativa em suas vidas. Foi enfatizado que detalhassem suas experiências o máximo possível, tornando o momento ainda mais envolvente e ajudando os colegas subsequentes a se sentirem mais tranquilos e menos ansiosos durante suas apresentações.

Durante as apresentações, os alunos demonstraram nervosismo evidente, mesmo permanecendo sentados em suas carteiras. Conforme cada relato era apresentado, observou-se uma dificuldade considerável em controlar o volume da fala, que geralmente se mantinha baixo, além de fragilidades na velocidade da articulação.

Outro aspecto observado foi a postura muitas vezes retraída que mantinham enquanto estavam sentados. Entre outros aspectos analisados nessas apresentações preliminares, todos os alunos mostraram dificuldades em manter uma linguagem formal durante o discurso.

Finalmente, nesta etapa foram estabelecidos acordos e definidas as regras para as apresentações que ocorreriam no dia final, incluindo a ordem de apresentação, o tempo de duração e os critérios a serem observados.

5.4 Etapa 4 – Minhas Memórias - Teste de Saída

A quarta e última etapa foi realizada em um ambiente especialmente preparado e decorado para que os alunos se sentissem confortáveis desde o momento em que entrassem na sala. Diferentemente da fase anterior, agora havia um espaço com uma cadeira designada para as apresentações, posicionada de frente para a turma.

A escolha de usar uma cadeira foi feita pelos próprios alunos, pois relataram ter mais dificuldade em falar quando estavam em pé, como foi observado nas apresentações prévias. Além disso, foi lembrado que cada apresentação teria uma duração de 10 minutos e que os alunos seriam avaliados com base nos aspectos da

oralidade discutidos nos encontros anteriores. Considerando as principais dificuldades identificadas na etapa anterior, foi elaborada uma ficha de avaliação intitulada "Cronograma da Oralidade através do Gênero Memórias", para melhor acompanhar os resultados da SAP.

Para uma melhor visualização dos resultados obtidos, trago nos Quadros 5 e 6 exemplos de quatro alunos para um comparativo entre as observações feitas durante o terceiro encontro da Sequência de Atividades Pedagógicas e os resultados obtidos ao final da SAP.

Quadro 5 – Ficha de avaliação da oralidade na escuta prévia dos alunos no 3º encontro

ALUNOS	VELOCIDADE	VOLUME	GESTOS (MÃOS E PERNAS)	POSTURA DO TRONCO SENTADO	FORMALIDADE/ INFORMALIDADE NA FALA
A	rápido demais, difícil de acompanhar, atropelado	varia conforme necessário, mantendo audibilidade	gestos excessivos, repetitivos ou inadequados ao contexto	postura às vezes inclinada para trás ou muito relaxada, indicando menos envolvimento	adequada na maior parte do tempo, mas com alguns deslizes que para a informalidade
B	adequada, variação natural, seguindo o contexto	muito baixo para o ambiente, dificultando a comunicação	variados e naturais, não distraem nem sobrecarregam	muito rígida ou relaxada, indicando desconforto	apresenta certa variação, mas mantém a clareza e apropriado nível de formalidade
C	muito devagar, dificultando o entendimento	muito baixo para o ambiente, dificultando a comunicação	gestos excessivos, repetitivos ou inadequados ao contexto	postura adequada ao ambiente, com leve inclinação para frente	adequada na maior parte do tempo, mas com alguns deslizes que podem parecer formais demais para o contexto
D	rápido demais, difícil de acompanhar, atropelado	varia conforme necessário, mantendo audibilidade	gestos excessivos, repetitivos ou inadequados ao contexto	postura muito curvada, inclinada para um lado, ou demonstrando desconforto evidente	adequada na maior parte do tempo, mas com alguns deslizes que para a informalidade

Quadro 6 – Resultados da Sequência de Atividades Pedagógicas (SAP)

ALUNOS	VELOCIDADE	VOLUME	GESTOS (MÃOS E PERNAS)	POSTURA DO TRONCO SENTADO	FORMALIDADE/ INFORMALIDADE NA FALA
--------	------------	--------	------------------------	---------------------------	------------------------------------

A	adequada, variação natural, seguindo o contexto	claro e audível, adequado ao ambiente e contexto	variados e naturais, não distraem nem sobrecarregam	postura adequada ao ambiente, com leve inclinação para frente para demonstrar interesse	adequada na maior parte do tempo, mas com alguns deslizes que para a informalidade
B	fluente, ritmo adequado, bem cadenciado	varia conforme necessário, mantendo audibilidade	variados e naturais, não distraem nem sobrecarregam	postura às vezes inclinada para trás ou muito relaxada	adequada ao contexto, mantendo um bom nível de formalidade
C	adequada, variação natural, seguindo o contexto	muito baixo para o ambiente, dificultando a comunicação	gestos naturais, complementando a fala, expressivos, mas não dominadores	postura adequada ao ambiente, com leve inclinação para frente	adequada ao contexto, mantendo um bom nível de formalidade
D	rápido demais, difícil de acompanhar, atropelado	varia conforme necessário, mantendo audibilidade	variados e naturais, não distraem nem sobrecarregam	postura às vezes inclinada para trás ou muito relaxada, indicando menos envolvimento	adequada na maior parte do tempo, mas com alguns deslizes que para a informalidade

Traçando um paralelo com a etapa anterior, embora os alunos ainda tenham demonstrado certas fragilidades, algumas melhorias puderam ser observadas, considerando o curto período de tempo entre uma etapa e outra.

Nas prévias, muitos alunos demonstravam bastante nervosismo; nessa etapa não foi diferente. No entanto, o ambiente preparado para a culminância aparentemente teve um impacto positivo, já que os alunos conseguiram ficar mais à vontade ao longo das apresentações, mesmo sendo agora diante de toda a turma.

Em relação aos aspectos específicos da oralidade, houve progressos notáveis. A aluna identificada nos Quadros 5 e 6 como “A”, por exemplo, apresentou melhor desempenho em quatro dos cinco critérios analisados. Mesmos alunos que pouco se envolveram no projeto, demonstraram compreender que é possível modalizar as variáveis para uma mudança de comportamento durante uma apresentação formal, como é o caso do aluno identificado como “D”, que passa de “gestos excessivos, repetitivos ou inadequados ao contexto” para “gestos variados e naturais, que não distraem nem sobrecarregam a apresentação”. De modo geral, observou-se uma melhora na velocidade, volume e na postura dos alunos, que conseguiram manter gestos mais controlados das mãos e pernas durante grande parte das apresentações, permanecendo adequados mesmo estando sentados nas carteiras. No entanto, um

desafio persistente foi a manutenção da linguagem formal durante os discursos. Foi observado que todos os alunos, em algum momento de suas apresentações, utilizaram algum vício de linguagem ou até mesmo tentaram usar da fala formal de maneira excessiva.

Analisando as fichas e outras anotações, pode-se inferir que nem todos os alunos obtiveram sucesso em todos os aspectos observados. Contudo, deve-se considerar que o desenvolvimento das competências orais não é algo feito de maneira rápida, mas na verdade é um processo contínuo que exige tempo e dedicação. Nesse contexto, deve-se considerar as evoluções apresentadas pelos alunos após a conclusão das atividades, salientando mais uma vez o curto período que as mesmas tiveram.

É significativo relatar também que houve a participação de todos os alunos da turma, mostrando-se empolgados ao compartilhar suas memórias, inclusive aqueles que nunca haviam se exposto em apresentações orais anteriormente. Muitos deles se emocionaram ao relatar suas experiências

Em resumo, a culminância utilizando memórias como base para analisar o desenvolvimento da oralidade através da SAP possibilitou que os alunos se sentissem confortáveis e engajados com as atividades propostas, além de terem aprimorado alguns aspectos da comunicação oral. Esta etapa foi distribuída ao longo de uma tarde inteira, utilizando cinco aulas para sua realização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no teste diagnóstico e em observações feitas dos educandos nas mais diversas situações que envolviam a oralidade, tais como debates, e discussões orais voltadas a artigos de opinião, foi desenvolvida a Sequência de Atividades Pedagógicas. Esse recurso pedagógico buscou através das atividades apresentadas:

1. Desenvolver a competência oral dos alunos dos anos finais, utilizando o gênero memórias como instrumento pedagógico para formular as atividades;
2. Conscientizar para a oralidade enquanto objeto de poder e habilidade capaz de ser aperfeiçoada;
3. Usar de conhecimentos linguísticos e de estratégias de comunicação para empoderar os alunos, bem como, desenvolver, estimular e aprimorar neles a oralidade;
4. Avaliar o desenvolvimento das habilidades orais dos discentes através de apresentações

onde seriam os protagonistas do discurso; 5. Instrumentalizar o professor acerca de atividades que possibilitem trabalhar a oralidade através da oralidade.

Ao término do processo interventivo, que começou com o teste diagnóstico e culminou com o teste de saída, foi possível constatar que os alunos assimilaram a proposta e demonstraram dedicação e comprometimento nas atividades. Durante as apresentações, foram observados vários aspectos positivos nas performances dos alunos. Além de compartilharem suas memórias, houve uma clara evolução nos aspectos relacionados à oralidade. Cada aluno conseguiu expressar-se de maneira única e empenhou-se para manter a qualidade nos parâmetros avaliados.

Embora ainda enfrentem algumas dificuldades, notou-se melhorias significativas no volume e na velocidade da fala em comparação ao teste diagnóstico inicial. Contudo, questões como o controle dos gestos das mãos, pernas e tronco, bem como o uso excessivo de informalidade na fala, ainda necessitam de atenção e trabalho contínuos.

Diante do exposto, fica evidente a relevância desta pesquisa. Marcuschi destaca que “a oralidade é uma prática social complexa e multifacetada que envolve não apenas o ato de falar, mas também a interação, a construção de significado e o uso de estratégias comunicativas” (Marcuschi, 2001, p. 55). Com base nos dados adquiridos ao final da SAP, entende-se que através dessas atividades, foram desenvolvidas habilidades cruciais não apenas para o ambiente escolar, mas também com potencial impacto positivo em diversas esferas da vida social dos alunos.

Segue abaixo as respostas das perguntas de pesquisa:

P1 – Considerando que os/as alunos/as são “produtores/as” e “consumidores/as” das mais diversas formas de expressão oral, como por exemplo podcasts, eles apresentam desenvoltura adequada quando são protagonistas de um momento como esse?

R1 – Os alunos demonstraram diversas fragilidades relacionadas à oralidade, apesar de consumirem diversas formas de expressão oral como podcasts. No entanto, ao final das atividades, observaram-se melhorias, embora não em todos os alunos.

P2 – A utilização do gênero memórias na Sequência de Atividades Pedagógicas pode trazer contribuições positivas para o trabalho de desenvolvimento dos aspectos da oralidade?

R1 – Sim, nosso trabalho sugere que o uso do gênero memórias permite que os alunos se sintam mais à vontade. Durante as experiências conduzidas, os alunos expressaram suas memórias pessoais com emoção, resultando em apresentações mais fluidas e oportunidades para observação dos aspectos da oralidade sem constrangimentos.

P3 – Quais poderiam ser as dificuldades encontradas na aplicação de uma sequência de atividades que se baseia no gênero memórias levando em consideração possíveis fragilidades voltadas à oralidade e seus aspectos?

R1 – Identificamos que uma das principais dificuldades está relacionada ao controle emocional dos alunos. Muitas vezes, as emoções interferem na lembrança e na execução das práticas de oralidade que estavam sendo analisadas.

P4 – Depois de uma SAP desenvolvida ao longo de cinco aulas, o que pode mudar (ou o que se espera de mudança) no comportamento dos alunos durante uma apresentação oral?

H1 – Após a implementação da SAP, observou-se melhorias significativas no desenvolvimento das habilidades de comunicação oral dos alunos, apesar das dificuldades iniciais. Além disso, o uso do gênero memórias conseguiu captar o interesse dos alunos, incentivando uma maior participação nas atividades e promovendo o aprimoramento contínuo da oralidade.

REFERÊNCIAS

- A BASE. O que é a Base Nacional Comum Curricular. *In: Base Nacional Comum Curricular*. (2018?). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- ALVES. Rubens. **O velho que acordou o menino [infância]**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005, 14.
- ANDRADE, M. O; AQUINO, R. R. **A oralidade na prática social**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- ARAÚJO, F. S; SUASSUNA, L. **Critérios para a avaliação da oralidade no ensino da língua portuguesa**. Letras, Santa Catarina. Especial 2020, n. 01, p. 97-110.
- BAKHTIN, Mikhail. **Speech Genres and Other Late Essays**. Austin: University of Texas Press, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução por Maria Ermantina Galvão Pereira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **The dialogic imagination**. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BOLFE, Juliana Simões; LEDO, Alessandro Dourado. **Gêneros secundários ou formais na educação infantil**. Revista Educação e Formação, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em 20 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.
- BRITTON, J. **Language and Learning**. Harmondsworth: Penguin Books, 1970.
- BRONCKTAR, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo : EDUC, 1999.
- COTES, Claudia. **O uso das pausas nos diferentes estilos de televisão**. Rev CEFAC, São Paulo, 2007.
- FREITAS, Olívia. **Manual prático de argumentação e oratória**. Brasília: IDP, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOFFMAN, E. **Forms of talk.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GÓIS, Carlos. **Psicologia Social da Oralidade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GOMES, A. et al. **Guia do professor de Língua Portuguesa.** 1º Vol, 1º Nível. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

GUIMARÃES, J.E; TODESCATTO, C; APOEMA, K. **Práticas de oralidade: Propostas para as salas de aula de Timor-Leste.** 1. Ed. Díli: Casa Apoema, 2016.

Halbwachs, M. **A Memória Coletiva.** Biblioteca Vértice, 1992.

HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics: An ethnographic approach.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). **Matriz de Referência de Língua Portuguesa:** Saeb. Brasília, DF, 2008.

KLEIMAN, Angela. **A formação do professor: novas perspectivas.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KOCH, I. G. V; ELIAS, V. M. **A coesão textual.** São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, W. **Language in the Inner City: Studies in the black english vernacular.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEAL, Telma. **Oralidade e alfabetização: interfaces pedagógicas.** Recife: EDUPE, 2004.

LIMA, Ana. **Recordar para contar.** In: Na ponta do lápis, ano V, n 11, ago. 2009.

MAGALHÃES, T. G. **Oralidade na sala de aula: alguém “fala” sobre isso?** Revista Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação. EDUFJF, v. 7/8, 2005/2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MASCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NUNES, Vanessa. Gonzaga. **Análises entonacionais de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano**. Dissertação (Mestrado); Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, 2011. p. 178.

NUNES, Vanessa. Gonzaga. (2015). **A prosódia de sentenças interrogativas totais nos falantes catarinenses e sergipanos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

PIOVEZANI, Carlos. **Usos e sentidos da voz no discurso político eleitoral brasileiro**. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas – Departamento de Letras. São Carlos – SP, 2011.

PIOVEZANI, Carlos. **A voz no feminino: Uma análise discursiva de elementos prosódicos num pronunciamento eleitoral de Dilma Rousseff**. Fragmentum. (UFSM), 2013.

REMÉDIOS, Maria Luiza. **Literatura confessional – autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

ROLDÃO, I. C. C. **A linguagem oral no telejornalismo brasileiro**. São Paulo: Resgate (12), 2003, p. 115 – 122.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2004.

SEARA, Izabel. Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZOROTTO-VOLGÃO, Christine **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

APÊNDICE A – LEITURA DIAGNÓSTICA PARA OBSERVAR OS ASPECTOS DA ORALIDADE

FELICIDADE CLANDESTINA Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudades".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía "As reinações de Narizinho", de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiavame a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando

mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E

você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

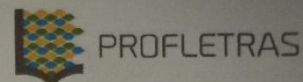
Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

APÊNDICE B – FICHA DE LEITURA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE

CRISTIANE DA CONCEIÇÃO SANTANA BORGES
anhos6194@gmail.com

Ficha de Leitura

Nome do aluno (a):

Turma:

Título:

Autor:

Qual a ideia principal do texto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector?

.....
.....
.....

Qual a contribuição social dessa obra?

.....
.....
.....

Você daria outra conclusão para essa história? Qual?

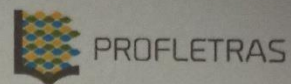
.....
.....
.....

APÊNDICE C – FICHA DA AVALIAÇÃO DA ORALIDADE UTILIZADA EM UMA DAS ATIVIDADES

		SIM	NÃO	DE MANEIRA REGULAR
Velocidade	Fala de maneira muito acelerada?			
	Fala de maneira muito lenta?			
	Fala em uma velocidade adequada?			
Volume	Fala muito alto?			
	Fala muito baixo?			
	Mantém um volume agradável?			
Mãos	Mantém as mãos no bolso?			
	Mantém as mãos para trás?			
	Mexe nos cabelos ou em outra parte do corpo quando fala?			
	Segura algum papel e treme?			
	Leva a mão a boca com frequência?			
Pernas	Mantém uma perna na frente da outra, deixando o corpo na diagonal?			
	Mantém-se apoiado nas duas pernas igualmente?			
Tronco	Está corcunda?			
	Está sentado?			
	Mantém-se ereto?			
Formalidade/ Informalidade	Usa uma linguagem muito coloquial?			
	Usa palavrões, jargões?			
	Usa de humor (quanto? Muito, pouco, na medida?)			

	Usa uma linguagem muito formal?			
	Apresenta uma linguagem padrão esperada para um público diverso?			
	Força a não realização de processos fonológicos previstos que?			
	Realiza processos estigmatizados?			
	Comete erros que doem os ouvidos?			
	Erros de léxico?			
	Erros de sintaxe?			
	Erros morfológicos?			
	Erros semânticos?			

APÊNDICE D – ATIVIDADE DE “MINHAS MEMÓRIAS”



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE

CRISTIANE DA CONCEIÇÃO SANTANA BORGES
 anjos6194@gmail.com

Nome do aluno (a):

Turma:

- Minhas Memórias -

APÊNDICE E – TEXTOS UTILIZADOS NA EXPLICAÇÃO SOBRE O GÊNERO MEMÓRIAS

Trecho do livro “O diário de Anne Frank”, de Anne Frank

“É realmente inexplicável que eu não tenha deixado de lado todos os meus ideais, porque eles parecem tão absurdos e impossíveis de se concretizarem. Mesmo assim eu os conservo, porque ainda acredito que as pessoas são boas de coração. Simplesmente não posso edificar minhas esperanças sobre alicerces de confusão, miséria e morte. Vejo o mundo gradativamente se tornando uma selvageria. Escuto o trovão se aproximando, cada vez mais, o que nos destruirá também; posso sentir o sofrimento de milhões e ainda assim, penso que tudo irá se corrigir, que esta crueldade também terminará. Enquanto isso, preciso adiar meus ideais para quando chegarem os tempos em que talvez eu seja capaz de alcançá-los.”

Texto “Lembranças de Outono”, de Maria da Silva

Nasci no aconchego de uma pequena cidade do interior, cercada por árvores frondosas que, no outono, transformavam-se em um espetáculo de cores. A cada ano, quando as folhas começavam a cair, minha avó costumava me contar histórias sobre nossa família e a época em que ela própria era uma jovem cheia de sonhos.

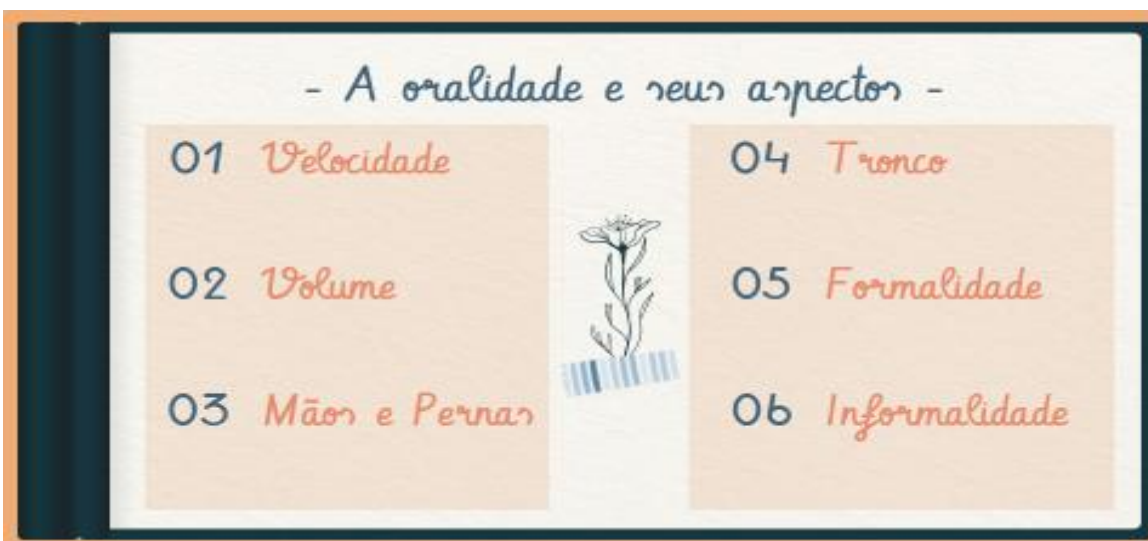
Recordo-me com carinho dos dias de outono passados naquela casa de madeira que testemunhou gerações de nossa família. O cheiro do bolo de maçã fresco que minha avó assava era inconfundível, assim como a risada gostosa do meu avô quando ele nos contava suas aventuras de juventude.

As memórias de infância são como fotografias antigas, desbotadas pelo tempo, mas ainda carregadas de sentimentos. Lembro-me de correr descalça pelos campos cobertos de folhas secas, de construir castelos de folhas com meu irmão e de ouvir o crepitar da fogueira nas noites frias de outono.

À medida que o tempo avançava, os outonos se tornavam cada vez mais melancólicos. Minha avó partiu, e a casa de madeira cedeu espaço para um condomínio de luxo. Mas as memórias permanecem intactas, como tesouros guardados em meu coração, lembrando-me da beleza efêmera da estação do outono e do amor de uma família que nunca se desvanece.

Neste relato, compartilhei um fragmento das memórias de minha infância e dos outonos que marcaram minha vida. Cada folha que cai é um elo com o passado, e estas lembranças são um tributo à minha história e àquelas pessoas que moldaram quem sou.

APÊNDICE F – MATERIAL DA AULA EXPOSITIVA SOBRE ORALIDADE



TEXTO UTILIZADO PARA A AULA EXPOSITIVA SOBRE ORALIDADE

- **Material de apoio e recomendações para que o professor possa abordar o gênero memórias em sala de aula.**
- **Usar exemplos para explicar as seções de oralidade para os alunos é fundamental porque facilita a compreensão prática e aplicada desses conceitos abstratos. Ao trazer situações reais, familiares e ficcionais, os alunos fornecem teoria e prática de maneira direta, tornando o aprendizado mais significativo e relevante para o seu dia a dia. Além disso, exemplos do cotidiano ajudam a contextualizar como os diferentes aspectos da oralidade, como entonação, volume, velocidade etc.**

A oralidade é uma forma ancestral e fundamental de comunicação humana, desempenhando um papel crucial na transmissão de conhecimento, histórias, culturas e tradições. Em um contexto educacional, a prática da oralidade não apenas fortalece habilidades comunicativas, mas também promove reflexão crítica e construção de identidade.

Segundo Marcuschi (2001), a oralidade é um sistema complexo de signos que envolve não apenas palavras, mas também entonação, gestos, expressões faciais e contexto situacional. Ela permite a expressão de ideias, argumentos e emoções de maneira dinâmica e interativa, facilitando a compreensão mútua e o desenvolvimento social e cognitivo dos indivíduos.

Bakhtin (1992) destaca que a oralidade é essencial na formação da consciência linguística e na construção de significados compartilhados dentro de uma comunidade. Para ele, a interação verbal cria um espaço de diálogo constante, onde diferentes vozes e perspectivas se encontram e se entrelaçam, enriquecendo o entendimento coletivo.

Parâmetros da Oralidade

- **Trago aqui para uma melhor compreensão de cada aspecto, um personagem da conhecida “Escolinha do Professor Raimundo”, de 1990. Fica**

aqui como recomendação para o professor fazer o uso dos episódios do programa.

1. **Entonação:** A palavra entoação (ou entonação), frequentemente tomada como sinônimo de (ou confundida com) prosódia “revela os contrastes entre modalidades e nos permite reconhecer ou fazer inferências a respeito das dialetologias que nos cercam (NUNES, 2011, p.45). A entoação tem funções comunicativas diversas. Através dela podemos inferir se alguém está afirmando ou perguntando, se a pessoa está triste ou alegre, se a pessoa está com pressa ou brava, se a informação já foi dada ou se é nova para o interlocutor. Seu Peru (Orlando Drummond) da Escolinha do Professor Raimundo é conhecido por sua entonação exagerada e peculiar, frequentemente exibindo um tom dramático e cômico em suas falas.

2. **Velocidade:** A velocidade de fala é um parâmetro ligado à taxa de elocução, ou seja, a produção articulatória de sílabas por segundo. Muitas vezes, temos a percepção de que as pessoas falam muito rápido ou o contrário. Bakhtin (1992) salienta que a velocidade da fala pode influenciar a dinâmica do diálogo e a compreensão mútua entre os interlocutores. Rolando Lero (Ronald Golias) fala de forma lenta e arrastada na Escolinha do Professor Raimundo, refletindo sua característica de ser um personagem ingênuo e meio atrapalhado.

3. **Volume:** Quando alguém fala alto, mandamos abaixar o volume. Quando um aluno apresenta um trabalho e temos de nos esforçar para entender o que ele está dizendo, dizemos para ele aumentar o volume. O volume está atrelado ao nível de audibilidade do som, a uma sensação percebida pelo ouvinte. Andrade e Aquino (2006) discutem que o volume é uma ferramenta poderosa para enfatizar ideias importantes ou criar atmosferas emocionais específicas durante a comunicação oral. Seu Boneco (Walter D'Ávila) da Escolinha do Professor Raimundo é famoso por seu volume alto e estridente, o que contribui para o humor de suas intervenções na sala de aula.

4. **Pausas:** As pausas são elementos prosódico importantes. Em um debate, uma pausa é o momento para o interlocutor tomar a palavra, isso porque existe um acordo implícito entre os falantes para que haja uma troca de turnos de fala. Caso essa pausa não exista (ou um abaixamento de frequência relevante), temos um assalto de turno de fala. Marcuschi (2001) destaca que as pausas são estratégias

importantes para garantir a clareza e a eficácia da comunicação oral. Dona Bela (Zilda Cardoso) da Escolinha do Professor Raimundo costuma fazer pausas dramáticas e prolongadas durante suas falas, enfatizando seu jeito teatral e exagerado.

5. **Postura:** Refere-se à maneira como o falante se posiciona fisicamente e utiliza gestos, expressões faciais e contato visual para enriquecer a mensagem verbal. A postura adequada durante a comunicação pode aumentar a credibilidade do falante e facilitar a compreensão do público (Bakhtin, 1992). Professor Raimundo (Chico Anysio) da Escolinha do Professor Raimundo tem uma postura relaxada e bem humorada, utilizando gestos e expressões faciais para complementar suas lições e piadas.

6. **Formalidade:** Luiz Antônio Marcuschi (2001) discute que a formalidade linguística é caracterizada pelo uso de normas culturais e sociais que estabelecem um padrão de linguagem mais restrito e convencional. Nesse contexto, a formalidade implica uma linguagem padronizada e menos sujeita a variações regionais ou informais. Seu Peru (Orlando Drummond) da Escolinha do Professor Raimundo, apesar de sua entonação exagerada, também pode adotar uma linguagem formal quando deseja parecer culto e sofisticado.

7. **Informalidade:** Segundo Marcuschi (2001), a informalidade linguística é caracterizada pela liberdade de expressão e pela adaptação da linguagem ao contexto de interação, privilegiando a espontaneidade e a proximidade entre os interlocutores. Zé Bonitinho (Jorge Loredó) da Escolinha do Professor Raimundo é conhecido por seu estilo de fala informal e galanteador, sempre cheio de expressões engraçadas e tentativas de impressionar as mulheres.

Importância na Educação

A integração da oralidade no ambiente educacional é essencial para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, cognitivas e sociais dos alunos. Através da prática da oralidade em sala de aula, os estudantes têm a oportunidade de:

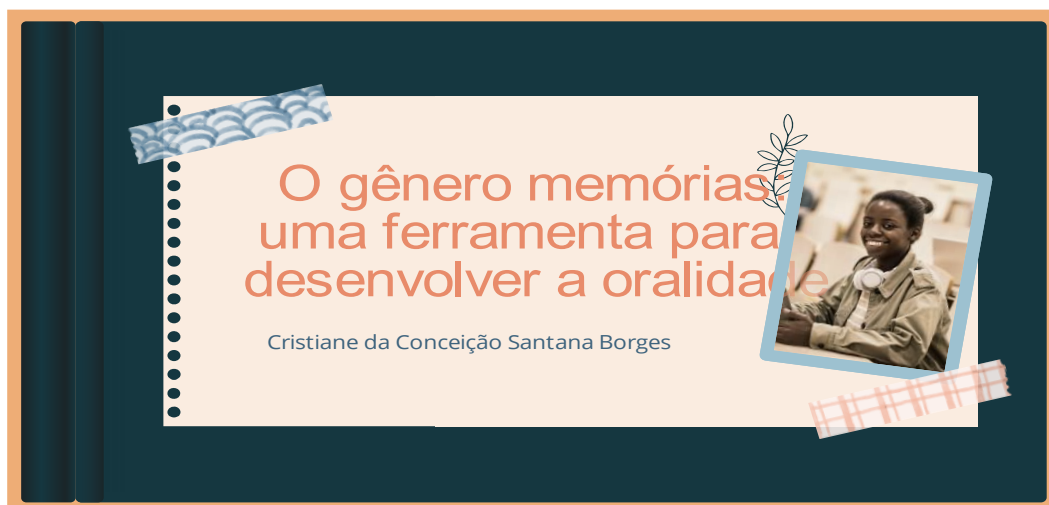
- **Expressar ideias e sentimentos** de forma clara e persuasiva (Andrade e Aquino, 2006).
- **Participar ativamente de discussões** que promovem o pensamento crítico e a reflexão sobre diferentes perspectivas (Schneuwly e Dolz, 2004).

- **Desenvolver competências comunicativas** que são essenciais para interações sociais e profissionais futuras (Marcuschi, 2001).

Além disso, a prática da oralidade contribui para a construção da identidade cultural e linguística dos alunos, capacitando-os a se expressar e se conectar de maneira significativa com seu ambiente social e cultural.

Em síntese, a oralidade não é apenas uma habilidade comunicativa básica, mas uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Ao valorizar e trabalhar os diversos parâmetros da oralidade em sala de aula, educadores não apenas fortalecem as competências linguísticas de seus alunos, mas também os preparam para se tornarem cidadãos críticos, reflexivos e capazes de interagir de forma eficaz e respeitosa dentro da sociedade contemporânea.

APÊNDICE G – MATERIAL UTILIZADO NA AULA SOBRE O GÊNERO MEMÓRIAS



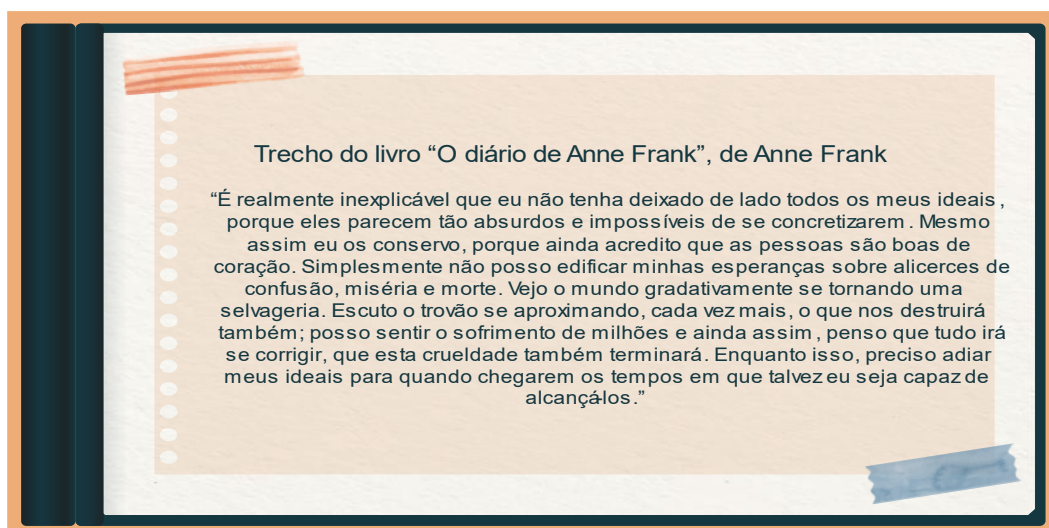
O gênero memórias uma ferramenta para desenvolver a oralidade

Cristiane da Conceição Santana Borges



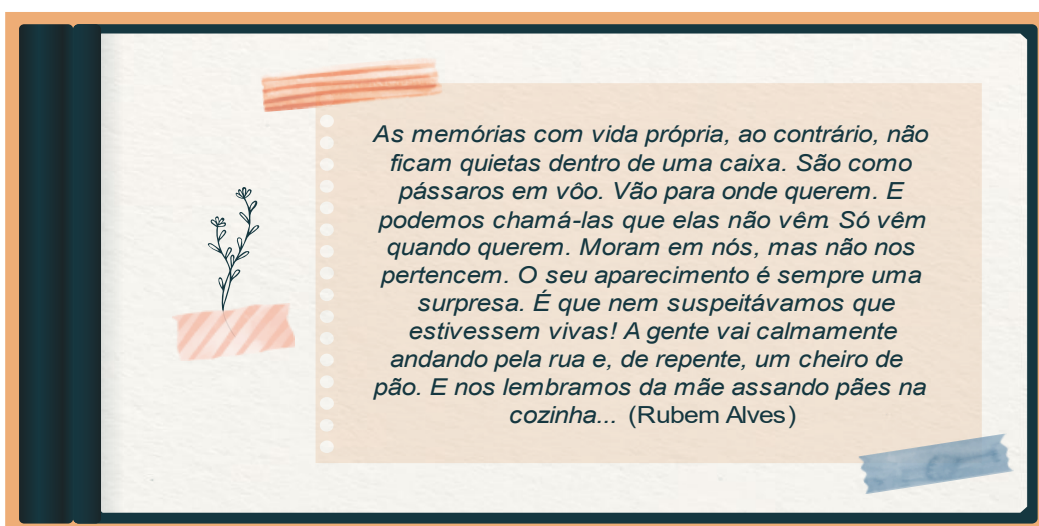
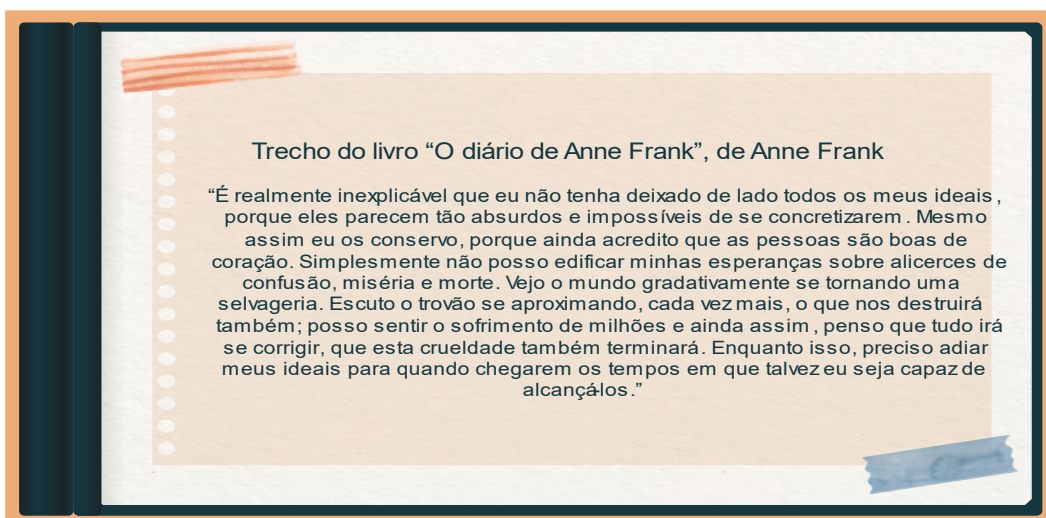
- O Gênero Memórias -

De acordo com Remédios (1997), é o gênero memórias que nos dão o testemunho de um tempo e de um meio social, somados aos relatos de casos pessoais e familiares.



Trecho do livro "O diário de Anne Frank", de Anne Frank

"É realmente inexplicável que eu não tenha deixado de lado todos os meus ideais, porque eles parecem tão absurdos e impossíveis de se concretizarem. Mesmo assim eu os conservo, porque ainda acredito que as pessoas são boas de coração. Simplesmente não posso edificar minhas esperanças sobre alicerces de confusão, miséria e morte. Vejo o mundo gradativamente se tornando uma selvageria. Escuto o trovão se aproximando, cada vez mais, o que nos destruirá também; posso sentir o sofrimento de milhões e ainda assim, penso que tudo irá se corrigir, que esta crueldade também terminará. Enquanto isso, preciso adiar meus ideais para quando chegarem os tempos em que talvez eu seja capaz de alcançá-los."



TEXTO USADO PARA A AULA SOBRE O GÊNERO MEMÓRIAS

- Material de apoio e recomendações para que o professor possa abordar o gênero memórias em sala de aula.
- Fazer o uso de exemplos é fundamental para que os alunos possam ter uma melhor compreensão do assunto. Fica aqui como recomendação o programa "Que história é essa, Porchat?" como uma ferramenta para explicar o gênero memórias.

O gênero memórias no contexto educacional é uma ferramenta valiosa para estimular o desenvolvimento da oralidade entre os alunos. Este gênero consiste na

narrativa pessoal de experiências vividas por um indivíduo, onde são resgatados episódios marcantes de sua vida.

Ao trabalhar com os gêneros textuais na escola, é fundamental alinhar as práticas pedagógicas aos objetivos estabelecidos pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Conforme discutido por Remédios (1997), o gênero memórias proporciona um testemunho de um tempo e de um meio social específicos, enriquecido pelos relatos de experiências pessoais e familiares.

Segundo Halbwachs (1992), as memórias individuais são moldadas e reinterpretadas ao longo do tempo pelos contextos sociais e culturais em que estão inseridas. Este gênero não apenas reflete eventos passados, mas também permite uma reflexão e uma reinterpretação pessoal das experiências, influenciadas pelas interações sociais e pela construção coletiva da memória.

Ao compartilhar suas memórias, os alunos são incentivados a expressar-se de maneira autêntica e pessoal, utilizando vocabulário e entonação que reflitam suas experiências emocionais. Isso não só fortalece suas habilidades narrativas, como também promove o diálogo e a escuta ativa na sala de aula.

O programa "Que História É Essa, Porchat?" oferece um excelente exemplo para compreender o gênero de memórias de maneira envolvente e acessível. Nele, Fábio Porchat atua como mediador, incentivando seus convidados a compartilharem histórias pessoais que são tanto engraçadas quanto marcantes. Esse formato não apenas celebra as experiências individuais dos participantes, mas também demonstra como memórias pessoais podem ser narradas de forma cativante e emocionante para uma audiência. Ao observar como as histórias são estruturadas, focando em momentos específicos, detalhes sensoriais e emoções vividas pelos narradores. Além disso, o programa mostra como diferentes perspectivas e estilos pessoais de contar histórias podem impactar a forma como uma memória é transmitida e recebida pelo público.